

MULHERIO

ASSINATURA ABR/88 - 600,00

ANO VIII - Nº 39 - ABR./MAI. 1988 - SÃO PAULO - BRASIL - Cz\$ 100,00

Negros: a Igreja pede perdão, mas não confessa os pecados...

pgs 5 a 8

Um novo mercado: cresce a exportação de brasileiras

Pg 9

Arte do século XIX desfaz mito da sinhazinha

Pgs 10 e 11





Roberto Emilio Neirame

Por que você não reage?

As águas de março fecharam um verão de tragédias. Petrópolis, Rio de Janeiro, Cubatã, Ubatuba, Vila Anchieta, Rio-Santos, Acre. A natureza se vingou em desastres mais que previstos pela ocupação indiscriminada do solo, o desmatamento cego, a poluição, a omissão administrativa.

Levaram também nossa desesperada necessidade de votar neste ano para presidente, e talvez até — será possível? — para prefeito, com manobras de informação e contra-informação de um golpe militar que já nem precisa mais ser dado. Basta ser anunciado.

Por que você não reage? A pergunta foi estampada em manchete na Gazeta de Pinheiros, jornal de bairro de São Paulo que a mantém, enorme, na fachada de sua redação. Uma pergunta para cada um buscar sua resposta.

As manifestações do 8 de março este ano foram uma comovente, porque alegre e bela, reação à miséria física e espiritual que corrói o País. As mulheres mostraram que estão atentas, fortes e até bem organizadas, também nas reações à exigência de comprovação de laqueadura para ter acesso ao emprego e às demissões de mulheres, entre elas grávidas — o primeiro ato de retaliação dos empregadores à licença de 120 dias à gestante.

O País agoniza, é preciso desglamurizar a indiferença. Combater o conformismo e o totalitarismo, esses grandes inimigos, conforme testemunhou a vida do poeta da psicanálise Hélio Pellegrina. Como alimento, olhar o céu azul-prateado de abril propiciando sonhos, as comunicações telepáticas. E comemorar dia 16, com gente de todo o mundo, a primeira lua nova do ano novo astrológico.

As Editoras

P.S. Esta edição circula com 20 páginas e uma nova capa. Estas pequenas alterações devem-se ao início de um processo de redefinição editorial que pretende dar a Mulherio uma atuação mais incisiva no espaço (ou na lacuna) cultural do país. Excepcionalmente, é uma edição bimestral.

De Dentro

Comentários

O motivo desta carta é uma crítica a alguns pontos do artigo do sr. Sader e alguns comentários. Creio que quando se escreveu um artigo deve-se tomar certos cuidados e, lendo o dele, fico com a certeza de que sua área de competência é só a política.

Como sabe ele da existência de clubes de masturbação entre os gays? Onde ele leu que "os verdes alemães chegam a caracterizar o Aids como uma vingança da natureza"? É mais provável que os verdes alemães compartilhem a ideia de que o Aids foi mesmo criado em laboratório.

Ele coloca ainda que "... as mulheres serão as principais vítimas por constituírem ainda o elo mais frágil da cadeia". Não podemos ser as principais vítimas, pois não podemos ser mais vítimas do que já somos e, mesmo assim, não constituímos o elo mais frágil da cadeia. O problema é que muitas mulheres ainda acreditam nesses rótulos patriarcais, acentuados pela escola, trabalho e meios de comunicação.

Vamos aos comentários: fica feliz que a Rita Moreira tenha ido direto ao assunto no seu artigo sobre o Aids criada em laboratório. Adorei "A ordem patriarcal é inabalável", da Anésia Pacheco e Chaves. Pena que uma Sandra Feldens (tão jovem e que pincela um ar pseudo-progressista) não enxergue o que está ao seu redor. Ela não vê que só os homens participam de tudo? Qual é a participação das mulheres nos postos de decisão?

Mara Rúbia de Andrade
Alemanha Ocidental

Mulher de fibra

Tenho 15 anos e participo do Movimento Estudantil de Nova Iguaçu (RJ), a UIES, e

me interessei muito pela questão da mulher.

Aqui não temos grandes fontes de conhecimento sobre o assunto, nem mesmo um Movimento de Mulheres digno, embora eu esteja bastante interessada em fundar um daqui a algum tempo. Tive a oportunidade de topar com o jornal Mulherio, de um amigo meu. Adorei e gostaria de assiná-lo. Parabéns pelos trabalhos maravilhosos que vocês realizam. Um beijo.

Luciana Costa
Nova Iguaçu (RJ)

Obrigada pelos cumprimentos, Luciana. Sempre que você tiver informações sobre a mobilização das mulheres aí em Nova Iguaçu, escreva-nos. Aguardamos o convite para a fundação do Movimento de Mulheres. Boa sorte!

Campanha descarada



É justo identificar o Aids com a cara de uma mulher? **Mulherio** não vai protestar contra essa campanha inflame?

Luiz Aurélio de Jesus Salles
Barretos (SP)

Gil

Há muito tempo sou assinante e admiradora do jornal de vocês e tenho feito propaganda do mesmo, nos nossos meios feministas. Adorei a matéria sobre e com Gilberto Gil. Parabéns. Quero pedir a vocês que publiquem uma notícia sobre a inauguração da Praça Anayde Beiriz. É mais um bonito capítulo da vida das mulheres que ficaram durante anos e anos fora da História em nosso País. De vez em

quando, se procura fazer justiça, como é o caso de Anayde.

Moema Toscano
Centro da Mulher
Brasileira-RJ

Já anatamos a sua sugestão, Moema. A Anayde realmente merece uma praça e uma matéria.

Piás

Conheço o jornal **Mulherio** já há bastante tempo, embora seja assinante por volta de um ano.

De uma certa maneira, o jornal vem conseguindo quebrar a dicotomia entre as chamadas "questões específicas" e as "questões gerais", ainda hoje um nó por desfazer nas várias posições de esquerda no Brasil. No meu entender, as coisas caminham juntas, mas com momentos onde se privilegia uma ou outra.

Dentro desse raciocínio, gostaria de propor um tema que ainda não vi tratado de modo mais profundo nas publicações feministas a que tenho acesso: a relação adulto/criança.

Lidar com os "piás" (como se diz por aqui) parece ser uma grande incógnita para a esquerda. As contradições entre nossa formação e a que desejamos para nossos filhos estão sempre presentes, permeando atitudes que vão do estalinismo ("não pode ver novela da Globo") ao **laissez-faire**.

O que é uma relação revolucionária com a criança? Como ela se dá? Que contribuições têm os teóricos da educação formal para dar? E os sociólogos, antropólogos, para não ficar sempre com psicólogos e psicanalistas?

Lúcia Barcelos
Canoas - RS

MULHERIO

Conselho Editorial: Abertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Kaminer (Blanco Aliscamp, SP); Southwestern Massachusetts University, USA; Emi Sader (USP); Flávia Augusta (Pensqueiros, SP); Fátima Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Helôjia Burzuck de Assunção (UFPA); Howard University, USA; Lucia Cadeiro (Banco Itaú).

Mãe: Maria Júlia de Barros Magalhães (Rio de Janeiro, SP); Mariana da Rosa Rocha (Cesimio, Minas Gerais, SP); Marlene de Sá (Rio de Janeiro, SP); Marlene Meyer (Luziânia, SP); Muzer Benedito (Aracaju, SP).
Editora responsável: Ined Castanho (MBO, RJ).
Editora Executiva: Sirlene Saraiva (MBO, RJ).
Repórteres/Redatoras: Luísa Maria de Souza e Paula Magalhães.
Secretaria de Redação: Tânia Cristina Vieira de Paula.
Diagramação: Roberto G. P. Pires.
Colaborou nesta edição: Duda Machado.
Administração e Finanças: Mônica Boudavé.
Assistentes: Maria Tereza de Lencastre.
Distribuição e Divulgação: Maria Rosa Caspary.
Assinaturas e Expedição:

Henrieta Maria Moreira.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte. **Mulherio** é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação sem fins lucrativos, com sede na Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração: Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05400, São Paulo, SP, Brasil. Telefone (011) 210-9632.
Fotocomposição: Basearte S.A. Gráfica e Editora, Rua Marquês, 26, V. Cearense, Tel. 572-0022, São Paulo.
Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

para Foto

Yanomani

O governo e a Polícia Federal iniciaram no final de março a retirada dos garimpeiros que haviam invadido o Parque Nacional Yanomani, no Território de Roraima. E proibiu os vãos de passageiros e transporte de alimentos para o local. Segundo D. Aldo Mongiano, bispo da Diocese de Roraima, o número de garimpeiros na região varia entre sete e quinze mil. Parte deles seria proveniente de Serra Pelada, segundo informações obtidas pela Agência Ecuemênica de Notícias (AGEN).

A medida acabou gerando bastante descontentamento entre os comerciantes de Boa Vista, capital do Território, que culpam a Igreja pela expulsão e pensam em ir a Brasília discutir o problema na Funai, outro de seus "calos". D. Aldo diz que não houve qualquer interferência da Igreja, porém ressalta que sempre foi sua intenção a preservação dos Índios Yanomani. "A Funai interveio porque essa é a função dela" — enfatiza.

O clima em Boa Vista é de muita tensão porque a atitude do governo e da PF não tem sido suficiente para acalmar os ânimos dos comerciantes que investiram em maquinários para mineração e ainda não obtiveram lucros.

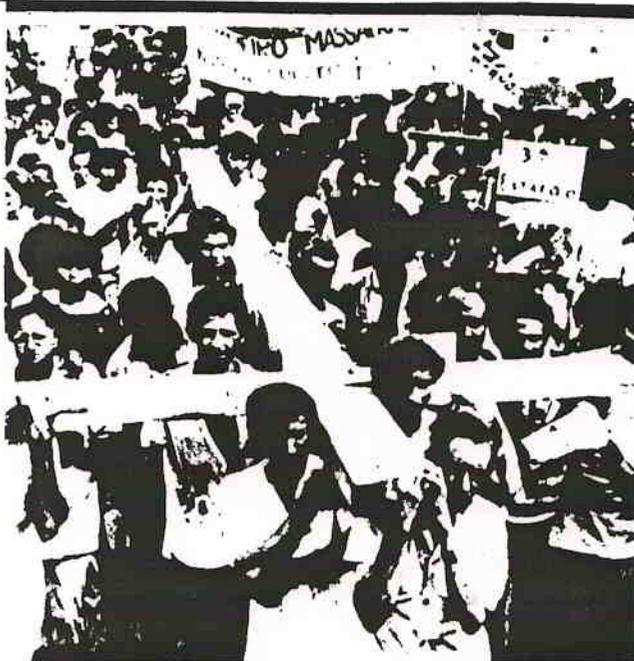
O ABC da ecologia

Cacilda Lanuza, integrante do grupo ambientalista *Seiva*, não se conforma com o espaço cedido pela *Folha de São Paulo*, no último dia 30 de março, ao presidente da Associação Brasileira de Caça (ABC), Cláudio Antônio Noschese, que escreveu um longo artigo sobre o interesse dessa entidade em "administrar os recursos naturais" e fortalecer o ambientalismo, entre outros objetivos. Segundo Cacilda Lanuza, a ABC mantém contato com sete ou oito indústrias de armas e com a Companhia Nacional de Cartuchos, de componentes bélicos. "Esta associação tem se empenhado em promover a caça em Mato Grosso, incluindo o Pantanal Matogrossense" — denuncia ela. "Seu presidente se diz ambientalista. Como pode ser tão contraditório?"

Cacilda diz que o grupo *Seiva* já está preparando um manifesto contrário à manutenção dessa entidade. "Como pode existir uma associação de caça em um país onde a caça é proibida por lei?" — questiona a ecologista.

Aids e as mulheres

O aumento dos casos de mulheres com Aids vem preocupando a Secretaria de Saúde de São Paulo, o Estado onde se registra o maior número de aidséticos no País. Em 1985, havia 45 homens contaminados para cada mulher. No ano passado, a proporção era de doze para um e nos primeiros meses deste ano já caiu pela metade, ou seja, seis para um. As mulheres passaram a ser mais atingidas na medida em que se registra maior incidência da doença en-



Via Crucis

A situação esquentou novamente em Marabá (PA) por ocasião da Sexta-Feira Santa, dia 1 de abril, quando mais de cinco mil pessoas fecharam a ponte sobre o rio Tocantins, ligação entre Belém e Conceição do Araguaia. Para lembrar os 3 mortos oficiais e 73 desaparecidos no massacre ocorrido no dia 29 de dezembro, a população percorreu seis quilômetros em procissão até a ponte para ali fincar uma cruz de mais de 200 quilos. Segundo o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, Fernando Marcolino Guimarães, a manifestação foi organizada "para deixar

acesa a chama e manter viva a lembrança de que precisamos encontrar os desaparecidos, porque sabemos que há mais mortos".

E como a apuração dos fatos e a prisão dos responsáveis não são sequer cogitados pelos governos estadual e federal, os Policiais Militares continuam mantendo sua arrogância e quase desencadearam outra tragédia ao cercarem novamente a ponte, armados de fuzis e metralhadoras. O tenente Gonçalves, à frente do pelotão da PM, chamou um dos padres de "cafajeste" pediu-lhe para retirar "esses bichos daqui".

Será que no tempo da escravidão era pior?

trig bissexuais e homens de vida sexual promíscua. No momento, o sexo feminino perfaz apenas 6,08% do total de aidséticos do País. Mesmo assim, o Ministério da Saúde insiste em colocar um rosto de mulher nos cartazes da Campanha de esclarecimento sobre a Aids, sob os dizeres: "Quem vê cara não vê Aids". Por enquanto, não vê mesmo.

Ascensão e Queda

Se a prostituição floresce na medida do mercado, a Aids vem marcar seu declínio. Na Alemanha, onde o comércio sexual chegou ao auge nos anos 70, depois da revolução sexual, o medo ataca — e afasta — prostitutas e clientes, reduzindo sensivelmente os rendimentos da profissão.

O governo sentiu que era hora de agir e passou a apoiar as mulheres que desejassem mudar de atividade. Em várias cidades alemãs existe hoje ajuda oficial para a busca de emprego e mesmo apoio financeiro para uma fase de transição. Em Berlim Ocidental, as au-

toridades colaboram com a *Hydra*, organização de prostitutas que, ao mesmo tempo em que reivindica o reconhecimento da profissão, orienta e ajuda as mulheres que querem abandoná-la. Um interessante "sindicato", que trabalha para o desaparecimento da atividade enquanto luta para legitimá-la.

Prostituição infantil

Enquanto isso, na América Latina, reportagem publicada pela revista chilena *Analisis* revela que há doze ou treze anos o Chile começou a constatar um novo problema: a prostituição infantil. Segundo psicólogos entrevistados pela revista, a prostituição de meninas com menos de doze anos sempre existiu enquanto fato isolado, mas agora caracteriza-se como um fenômeno social que teve seu auge em 1982 e 1983, anos de crise do modelo econômico do regime militar. Para *Analisis*, o empobrecimento galopante e a insegurança se transformam em algo cotidiano e não é mera coincidência que nestas cir-

condições tenham aumentado os casos de drogados, alcoólatras e de crianças prostituídas.

Dois pesos, duas medidas

As declarações dos pesquisadores norte-americanos Masters e Johnson sobre a possibilidade de se contrair Aids em assentos de banheiros, por picadas de mosquitos ou beijos na boca foram taxadas de irresponsáveis pelo médico Jonathan Mann, diretor do Programa Anti-Aids da Organização Mundial de Saúde (OMS). Infectologistas e imunologistas dizem que não existem pesquisas comprovando essa forma de contágio. Por enquanto, tudo não passa de especulação, dizem os especialistas.

Acontece que os meios de comunicação não têm os mesmos pudores de cientistas quando se trata de divulgar qualquer assunto referente à Aids. Tanto que no pequeno município de Monte Alegre, no Rio Grande do Norte, a população se revoltou contra a presença de um aidsético na cidade porque viram na televisão reportagens sobre o possível contágio por picadas de mosquitos. Os moradores entraram em pânico.

Já a Febem de São Paulo está dando um exemplo à sociedade ao não discriminar as crianças aidséticas. São 290 menores, ou seja, 5% dos 5.800 assistidos pela entidade no Estado. Segundo matéria publicada pela *Gazeta de Pinheiros*, de São Paulo, crianças infectadas continuam mantendo suas atividades normais juntamente com as demais. Apenas dormem em quartos separados para se evitar o contato sexual. Infelizmente, os meios de comunicação não têm destacado a atitude da Febem com o mesmo empenho que dedicaram a Masters e Johnson.

Mães-bomba

Na guerra travada entre palestinos e israelenses, os primeiros estão vencendo disparado no que se refere aos índices demográficos. Entre os judeus, a taxa de natalidade é de 21 para cada mil habitantes. Entre os árabes israelenses, a média é de 33 por mil, chegando a 40 na Cisjordânia e 47 na Faixa de Gaza. Se for levada em conta a população de toda a Grande Israel — o que inclui os territórios ocupados — os judeus representam 62% dos habitantes do país.

Cientes desses dados, a primeira Convenção de Mães por Israel, organizada por grupos direitistas judeus, exortou as mulheres a gerarem mais uma criança para fortalecer a segurança do país. Os líderes palestinos também conclamam as mulheres a terem mais filhos numa tentativa de sobrepujar numericamente aos judeus. Como se vê, a maternidade continua sendo uma grande arma em tempos de guerra. E na Palestina, os corpos das mulheres são um instrumento potencialmente mais eficaz do que bombas ou metralhadoras.

Confusão na Farra do Boi

"Espancar a própria mulher é rotina nos cantões da ilha e, sintomaticamente, ocorre que depois da Farra do Boi as rendeiras passam boas semanas sem receber pauladas. Isto eu vi, juro que vi!"

(Trecho da carta enviada por um cidadão catarinense ao Jornal O Estado de São Paulo)

Praticada há duzentos anos, no Brasil em municípios catarinenses que foram colonizados por açorianos, a Farra do Boi nunca foi tão criticada pela opinião pública e os meios de comunicação como este ano. Tanto que o governador de Santa Catarina, Pedro Ivo, acabou por proibi-la, determinando às Polícias Militar e Civil enérgica repressão à sua prática. Mas a excessiva violência empregada pelos policiais - que chegaram a se utilizar de bombas de gás lacrimogênio - conseguiu unir farristas e ecologistas em um mesmo protesto contra a ação repressora.

Excessos ocorreram em todas as partes. Os protestos de populares revoltados contra os maus tratos aos animais acabou levando a uma atitude tão desprezível quanto a própria farra: a agressividade contra a população de Santa Catarina. No final de março, durante a Semana Santa, dezenas de pessoas realizaram uma manifestação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro portando faixas em que se lia: "Ódio a Santa Catarina", "Farra do Boi: Subdesenvolvimento e covardia de um povo". Alguns manifestantes chegaram a incitar os brasileiros de outras regiões a não fazer amizades com catarinenses.

Segundo Cristalma Papa, vice-presidente da Associação Catarinense de Proteção aos Animais, a Farra do Boi é uma tradição em Santa Catarina e, por isso, o trabalho para a sua eliminação é muito lento e deve ser voltado principalmente para as crianças, lutando há oito anos contra essa prática na região, a Associação vem desenvolvendo uma campanha de esclarecimento junto às escolas e comunidades locais na tentativa de desestimular a violência contra os animais. "Muitas crianças praticam suas 'farrinhas' com cães e gatos porque são incentivadas pelos pais", - diz Cristalma Papa. "Nós estamos propondo uma série de atividades que possam substituir a Farra do Boi, canalizando a agressividade desses catarinenses para coisas mais saudáveis, como esportes, shows etc."

Presente à manifestação em frente ao Municipal do Rio, o escritor e jornalista Fernando Gabeira, representante do Partido Verde, não concordou com o teor dos protestos. Na opinião de Gabeira, a má repercussão da Farra tem gerado uma antipatia infundada contra os catarinenses, já que "nem todo o povo de Santa Catarina aceita esse tipo de violência contra os animais".

Mais uma ameaça à fauna do Pantanal



Foto Agência JB

quadrados do Pantanal já estão alagados, o que agrava a situação.

A enorme mortandade de peixes deve-se à falta de oxigênio nas águas do Pantanal, ocasionada pela rápida decomposição dos detritos colhidos pela enchente. No leito do Rio Paraguay, um dos pontos mais críticos, toneladas de peixe em decomposição descem com a correnteza colocando a população ribeirinha em contato com as águas contaminadas. Crianças brincam nas águas podres, que são utilizadas para tomar banho, lavar panelas e outros utensílios domésticos.

Na opinião da integrante do grupo ecológico Seiva, Cacilda Lanuza, a principal causa da contaminação das águas do Pantanal está na presença de inúmeros garimpeiros, que utilizam mercúrio para a coleta do ouro. O uso de agrotóxico pelos agricultores da região também agrava a situação: "O papel destruidor do excesso de plantas aquáticas em decomposição é mínima diante dos poluentes que são despejados pelo Homem nas águas do Pantanal. O fato é que não só os peixes estão morrendo, mas toda a fauna e flora da região está sendo destruída. A presença de plantas aquáticas como o Aguapé, por exemplo, é um indicio de que a região está muito contaminada. Esta planta só se mantém em águas com poluentes", explica.

O despejo de poluentes está matando milhares de peixes

O Pantanal de Mato Grosso do Sul, a principal reserva ecológica natural do mundo, vive momentos de agonia. Toneladas de peixes entre pintados, jaús, pacus, dourados, corimbatás estão morrendo asfixiados nas águas contamina-

das pelos detritos e plantas aquáticas em decomposição trazidas pela maior enchente já registrado na região. Segundo estimativas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cerca de 90% dos 140 mil quilômetros

Apoio internacional na mira dos ecologistas

Surge uma nova forma de pressão por parte dos movimentos ecológicos nacionais contra os projetos de urbanização em áreas consideradas como reservas florestais: o apoio de entidades estrangeiras. Pelo menos foi a alternativa mais eficaz que a União dos Defensores da Terra (OIKOS), em São Paulo, encontrou para manter as áreas próximas ao córrego do Tremembé intocáveis. Cortando a Reserva Estadual da Cantareira e o Horto Florestal (situados a quinze quilômetros em linha reta do centro da cidade de São Paulo), o córrego do Tremembé é alvo de um projeto de canalização proposto pelo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros a ser realizado este ano, com objetivo de se eliminar as enchentes no local.

Este projeto, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em quase US\$ 50 milhões, inclui não apenas a canalização do córrego, mas a abertura de uma avenida com quase cinco quilômetros de extensão ligando a Marginal do Rio Tietê à rodovia Fernão Dias. A preocupação da OIKOS, no entanto, tem se voltado para a conservação do Horto Florestal e da Serra da Cantareira, pois acreditam que com a implantação da obra a possibilidade de se descaracterizar a região e

expô-la à especulação imobiliária estaria presente.

Na verdade, a polêmica em torno deste projeto teve início no ano passado, quando alguns moradores mais antigos da região do Tremembé receberam avisos de desapropriação por parte da prefeitura. Vera Lúcia Braga, membro da OIKOS e pertencente a uma família rica e tradicional da região, resolveu encampar a denúncia contra a realização do projeto: "Fizemos uma análise de impacto ambiental na região e vimos que esta obra é inviável em termos de preservação do meio ambiente. No entanto, o apoio que conseguimos das autoridades locais, a exemplo de alguns órgãos vinculados à prefeitura e mesmo do BID, foi nulo. Decidimos, então, buscar a adesão do Environmental Defense Fund, uma entidade norte-americana voltada especificamente para a fiscalização de recursos financeiros dirigidos à proteção ambiental", afirma.

Segundo Vera, somente a partir do encaminhamento da denúncia ao exterior foi possível impedir a liberação da verba cedida pelo BID para a realização do projeto. O deputado federal Fábio Feldman, coordenador da Frente Nacional Ecológica na Constituinte e

presidente da OIKOS acredita que a mobilização desses grupos ecológicos foi um sucesso, já que outras quinze entidades internacionais (americanas, canadenses, inglesas, belgas, suecas, alemãs e holandesas) já endossaram o pedido de embargo do projeto de canalização do córrego encampado pela OIKOS: "Estou certo de que, diante das pressões dessas entidades estrangeiras sobre o BID, a obra não será realizada. Este caso abriu uma instância internacional, na medida em que não apenas este projeto, mas outros a serem realizados pela prefeitura, terão que passar pelo apoio da comunidade", afirma o deputado.

A Reserva Estadual da Cantareira foi durante muito tempo a principal área de captação de água para abastecimento da população, e hoje abriga reservatórios com capacidade para fornecer 33 mil litros por segundo, suficientes para 10 milhões de habitantes. É a recomposição florestal de antigas fazendas de café e cana de açúcar. A área tem enorme potencial para a recreação e o lazer do paulistano e seu plano de manejo prevê zonas de uso intensivo, extensivo, zonas primitivas e de serviço. É uma das maiores reservas florestais do Estado. (LC).

Os negros e o catolicismo: a Igreja pede perdão

"O catolicismo romano jamais se opôs à escravidão. Na Colônia e no Império, a Igreja confundiu-se com o aparato estatal. Entre os líderes abolicionistas brasileiros não encontramos um só clérigo."

Joaquim Nabuco, 1883
(O Abolicionismo)

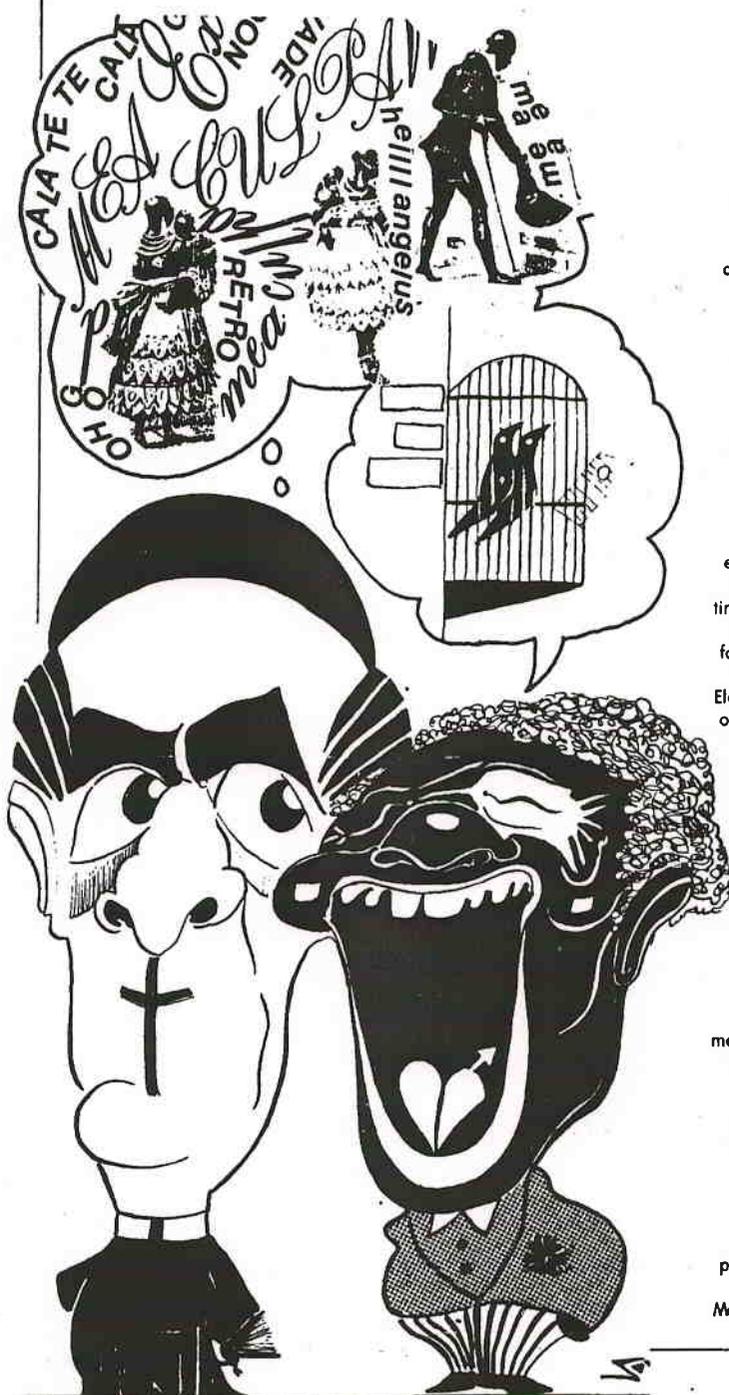
Rita Moreira

Oh, mundo de contradições. Quem diria que uma das vozes mais empenhadas a abordar o tema do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil havia de ser, justamente, a da Igreja Católica? Contraditório. Bizarro, mesmo, se nos lembrarmos do papel que vem sendo desempenhado por essa organização multinacional, durante tantos séculos aliada dos poderosos.

A disposição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para escolher **A Fraternidade e o Negro** como tema de sua campanha este ano, sem dúvida se deve, em grande parte, ao esforço dos grupos negros católicos que atuam no seio da própria igreja. Mas não podemos desprezar, por outro lado, a visão mercadológica dos bispos: sem dúvida o Centenário constituía uma oportunidade imperdível, no sentido de lavrarem alguns tentos, principalmente quanto ao polimento da própria imagem diante da sociedade. Afinal, os negros são quase maioria, no Brasil, e profundamente religiosos. Seduzidos por uma infinidade de outras religiões, provavelmente mais atraentes, os católicos brasileiros estão se tornando, cada vez mais, católicos "de praxe". Quantas vezes você não escutou alguém dizer: "sim, sou católico, mas só porque fui batizado, não vou à missa, não". Sim, valia a pena investir no Centenário. Mas a Igreja tinha um problema: como resolver o próprio passado? (Que inclui desde as torturas, durante a Inquisição, com mulheres sábias sendo queimadas na fogueira, até a omissão durante o nazismo, passando pela participação na escravidão dos próprios negros).

Eles então lembraram de um recurso muito prático de sua própria doutrina, o famoso **mea culpa**: confesso, sou perdoado e está resolvido! E foram em frente. Na segunda página da cartilha **Ouvi e Clamor Deste Povo**, que contém o texto-base da Campanha da Fraternidade de 1988, se lê: "A Igreja reconhece, hoje, que nem sempre tratou a situação vivida pelos negros com a devida atenção evangelizadora e libertadora. E um pouco mais adiante: "Não se trata de julgar o passado escravista com os critérios do presente" (o que nos faz lembrar um pouquinho aquela frase em que os militares diziam "revanchismo não!" — não faz?). Mas em seguida o texto redime a Igreja: "mas trata-se, isso sim, de reconhecer, à luz da fé, que os traços desse passado permanecem ainda hoje e são contrários à dignidade do homem, à fraternidade e à justiça.

Se é que a Igreja Católica está se aproveitando do negro, a verdade é que desta vez o negro, também, parece sair ganhando alguma coisa. Embora forçando bastante a barra no sentido de fazer a Igreja parecer menos terrível do que foi, esse texto-base traz, acima de tudo, uma grande quantidade de informações sobre a situação do negro no Brasil de hoje, constituindo, mesmo, uma ferramenta para a conscientização geral, de negros e brancos. (Muito bem impresso e fartamente distribuído pelas igrejas católicas no País todo, a cartilha da CNBB divulga a realidade do racismo de uma maneira tal como o Movimento Negro jamais poderia, economicamente. Essa, certamente, é a razão de mais esse estapafúrdio "sincretismo".) A seguir, uma amostra dessa contradição através da justaposição de extratos retirados, de um lado, do trabalho **A Cruz e a Senzala, a Igreja no Brasil Escravista**, de Mário Maestri, brasileiro, professor de História da África em Milão, parcialmente publicada no jornal D.O. Leitura. (**A Cruz e a Senzala, a Igreja no Brasil Escravista**, Mário Maestri, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre). De outro, trechos da cartilha **Ouvi e Clamor deste Povo**, publicada pela CNBB:



Mário Maestri: Durante a Antiguidade e na Era Colonial, o escravismo constituiu a base de importantes formações sociais. O cristianismo foi a religião dominante dos últimos tempos do escravismo clássico. A América Negra nasceu e desenvolveu-se sob o signo da cruz.

CNBB (Da Legitimação da Escravidão): Não podemos julgar as conseqüências, nem projetar no passado nossa sensibilidade atual. No entanto, é preciso reconhecer que, não obstante as vozes proféticas e a despeito das boas intenções subjetivas, a Igreja, em geral, desempenhou nas Américas um papel que implicava na legitimação da colonização e de suas práticas, entre as quais a escravidão. Leigos e religiosos, teólogos e hierarquia chegaram a justificar a escravidão e dela usufruíram.

(Da Condenação da Escravidão): No momento em que cristãos, espanhóis e portugueses iniciaram a escravização dos indígenas americanos, outros cristãos, como Frei Antonio de Montesinos, Bartolomeu de las Casas e o Bispo Antonio de Valdivieso, na América Espanhola, e os Padres Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Antonio Vieira, na América Portuguesa, e tantos outros, levantaram suas vozes em defesa da liberdade dos índios. A escravidão de qualquer tipo foi condenada pelo Pa-

do escravismo e uma subordinação temporal às instituições. O historiador belga Charles Verlinder lembra que São Paulo recomendava "aos escravos de servirem seus senhores *cum timore et tremore*". Na Antiguidade e na Idade Média, não havia contradição em ser cristão e proprietário de escravos. Cristo dissera: *Non venit mutare conditiones, sed mentes*. No fim do Império, Santo Agostinho aceitou e justificou o cativo. O mesmo o fez São Tomás de Aquino, que exortou os escravos à submissão.

CNBB (Não à Escravidão Negra): Contrariando a lógica comum da época, algumas vozes isoladas ousaram condenar a escravidão dos negros. São conhecidos, por exemplo, os *Sermões do*

Nos primeiros tempos da colonização, sacerdotes e ordens religiosas receberam da coroa doações em escravos ou licenças para "importá-los" sem ônus. O Padre Manuel da Nóbrega fundou as primeiras casas e colégios baianos para os filhos dos colonos e de indígenas. Para garantir a subsistência material dos colégios, comprou, em 1549, alguns homens escravizados e empregou-os na agricultura, caça e pesca. Nóbrega pediu ao rei, em 1552, que lhe mandasse alguns escravos da Guiné. Os escravos chegaram e Nóbrega casou "as fêmeas" com "os machos" e colocou-os no trabalho, sob a supervisão de um feitor — "homem leigo".

CNBB: (Os Papas e Os Bispos no Brasil): No final do período colonial e já na época do Império, o Papa Gregório XVI publicou, em 1839, a bula *In Supremis*: Admoestamos os fiéis para que se abstenham do desumano tráfico dos negros ou de quaisquer outros homens que sejam. A partir dessa palavra do Papa, vários Bispos no Brasil escreveram cartas pastorais pleiteando o fim da escravidão: em 1840, D. Antônio Ferreira Viçoso (Mariana, MG), em 1846, D. João Antonio dos Santos (Diamantina, MG). Outros Bispos, mais tarde, participaram da campanha abolicionista, junto com os sacerdotes, senadores e

início do século XVIII exemplificam os limites da defesa dos negros pela Igreja. Os dois clérigos acusavam os senhores de alimentarem mal os escravos. No mesmo livro, o sacerdote defendia a escravidão e a tortura, segundo ele um castigo devido ao "pecado original". Já o Padre Antonil lembrava aos senhores que: "Aos feitores de nenhuma maneira se deve consentir o dar coices, principalmente nas barrigas das mulheres que andam pejadas (grávidas), nem dar com pau nos escravos, porque na cólera, se não medem os golpes podem ferir na cabeça um escravo de muito préstimo" — isto porque, acrescentava, podia valer "muito dinheiro". Sobre o castigo físico dos cativos, Antonil afirmava: "Prender os fugitivos e os que brigaram com feridas ou se embebedaram,



Padre Antonio Vieira, que revoltou os senhores maranhenses: "Os senhores poucos, os escravos muitos, os senhores rompendo gala, os escravos passando fome... Oh! como temo que o oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a do Faraó e todo o Brasil como o Egito".

Mário Maestri: A subordinação do clero à Coroa portuguesa e a Casa de Bragança era cimentada por interesses ideológicos, políticos e materiais comuns. Em Portugal e nas colônias, o clero detinha o monopólio religioso e importantes poderes temporais. Pequenos e grandes eclesiásticos lucravam, direta ou indiretamente, com o tráfico negreiro e com a escravidão. Com o desenvolvimento da produção escravista, sacerdotes e ordens religiosas tornaram-se ricos proprietários de escravos. No século XVII, os jesuítas de Luanda acumularam imensas fortunas comprando e exportando milhares de homens escravizados. A Coroa lusitana exigia que os magotes de negros embarcados nos tumbeiros fossem batizados em praias africanas. Os sacerdotes eram remunerados por esses batizados multitudinários. Nas colônias portuguesas, homens livres, libertos e escravos deviam cumprir preceitos religiosos mínimos, pelos quais o clero cobrava. Os que não cumpriam a obrigação religiosa chegavam a ser punidos com "três dias de tronco e 30 chibatadas diárias".



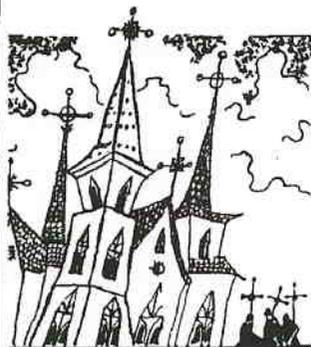
deputados, posicionando-se frontalmente contra a escravidão.

Mário Maestri: Autores dos Anos 30-50 de nosso século apresentaram o catolicismo romano como a causa de um comportamento mais humano dos senhores luso-brasileiros. Gilberto Freyre acreditava que a miscigenação senhor/escrava, praticada amplamente na Colônia e no Império, teria ensejado relações raciais menos tensas. Segundo ele, no Brasil, ao contrário do que aconteceu em outras regiões americanas, a Igreja teria "incitado" e "abençoado" essa pretensa democracia sexual. O desenvolvimento da historiografia da escravidão brasileira tem revelado que a Igreja e o clero se preocuparam olímpicamente com a vida material e espiritual dos cativos negros. Os escritos dos sacerdotes Jorge Benci S.J. e André João Antonil S.J. do

ram, para que o senhor os mande castigar como merecem, é diligência digna de louvor! O Padre Anchieta defendeu, em 1579, a necessidade de castigar os negros com os "ferros". Três séculos mais tarde, em 1808, o bispo de Pernambuco, Azeredo Coutinho, publicou um ensaio em que defendia a escravidão e o tráfico negreiro. Os raros e anódinos escritos clericais que tomaram a defesa dos escravos brasileiros reconheciam a legitimidade da escravidão e limitavam-se a sugerir aos senhores que tratassem com alguma moderação os cativos. Esta limitada retórica humanista nunca se converteu em uma defesa real — ainda que limitada — dos homens e mulheres escravizados.

Joaquim Nabuco foi um crítico arguto da escravidão. Sua posição social e idéias políticas (era aristocrata e monarquista) tornavam-no refratário a qualquer extremismo. Em *O Abolicionismo*, escreveu: "A deserção, pelo nosso clero, do posto que o Evangelho lhe marcou, foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizá-los o cativo. (...) Nenhum padre tentou, nunca, impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime das senzalas."

CNBB (A Igreja e as vítimas da Escravidão, da pobreza e da discriminação): A leitura da história revela uma série de inseguranças e vacilações da Igreja



pa Paulo III, em 1537.... A dos povos africanos, no entanto, continuou e até mesmo ficou reforçada.

Mário Maestri: Os reis de Portugal taxavam os africanos quando eram arrancados da África e/ou quando eram desembarcados na América. O clero comportou-se como cão de fila dos direitos monárquicos sobre os proveitos do tráfico. Este comportamento ilumina as razões da luta da Igreja contra a redução ao cativo dos indígenas e pela escravização dos negros. Havia que proibir a escravização dos ameríndios porque as metrópoles não conseguiram taxar esta redução ao cativo dos habitantes da terra pelas classes dominantes locais.

A Igreja Católica jamais entrou em contradição com a escravidão. Ao máximo, na sua fase primitiva e "popular", pregou uma superação transcendental



em relação à escravidão, particularmente dos negros. Houve vozes proféticas que denunciaram esses erros, exigiam reparação e apontavam para a fidelidade à mensagem cristã depurada de condicionamentos econômicos, ideológicos e de interesses escusos. Apesar de sua fragilidade humana, essa Igreja pecadora, que reconhece e pede perdão por suas falhas, é portadora da mensagem divina.

Mário Maestri: Os bispos, as ordens e os clérigos brasileiros foram, até alguns anos antes da Abolição, grandes proprietários de escravos. As ordens religiosas consideravam os cativos como "bens eclesiais". Os negros comprados e vendidos figuravam nos livros de despesas dos conventos ao lado de outras mercadorias — gado, roupas, sabão etc. Em geral, o clero secular se comportava com seus escravos como a maioria dos senhores. Não são raras as denúncias de maus-tratos de negros por sacerdotes. Em 1801, na Paraíba, o frei José Lopes, franciscano, tinha a preta Te-reza como amásia. Por ciúmes, mandou um negro cativo assassiná-la introduzindo "na cavidade intrapubiana um pouquinho que a atravessou". Segundo o relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1870, os Beneditinos possuíam 41 religiosos, onze mos-

abolicionista nada deve, infelizmente, à Igreja do Estado. Entre os líderes abolicionistas brasileiros não encontramos um só clérigo. Em 1871, quando da farsa do Ventre Livre, o bispo do Rio de Janeiro publicou uma pastoral que elogiava a iniciativa e pronunciava-se contra a abolição total. Quando da Guerra do Paraguai, as ordens foram pressionadas para que alistassem parte de seus negros nos Voluntários da Pátria. A partir de 1870 as principais ordens começaram a alforriar, com ou sem condições, os cativos. Os mercedários tardaram até 1887 para libertar os seus negros. Os carmelitas, que esperavam ser indenizados, permaneceram proprietários de escravos até a Abolição. Com a emancipação definitiva, todos os escravos dos carmelitas abandonaram as fazendas, o que sugere como eram tratados.



CNBB: A Campanha da Fraternidade 88 implica o reconhecimento, por parte da Igreja, de um pecado histórico e supõe o pedido de perdão ao povo negro pela escravidão praticada, consentida ou não denunciada, e pela discriminação do negro em seu seio. Seguindo o exemplo de Paulo VI e João Paulo II, a Igreja, em seus vários níveis, há de programar expressivas celebrações penitenciais, especialmente ao longo do período quaresmal de 1988. Um sinal concreto de penitência e conversão será a constante denúncia das consequências do passado escravista que se manifestam, ainda hoje, nas discriminações, na marginalização de tantos negros, no racismo e nas injustiças. **(Perdear):** A comunidade negra é, por sua vez, chamada a dar, em 1988, passos importantes em direção a uma vida mais evangélica. Primeiramente assumindo a própria negritude. Ela é, também, chamada à atitude evangélica do perdão para com todos os que reconhecem a sua responsabilidade histórica frente à escravidão. Numa atitude de fraternidade há de ajudar na conversão do racista, do opressor, do discriminador, por questões de cor e preconceito. Aberta à universalidade evangélica, a comunidade negra se associará, mais e mais, à luta fraterna de todos os marginalizados na perspectiva do "Povo Novo", redimido de todas as separações de tribo, língua, povo e nação.



"Nosso compromisso é com a nossa gente negra"

Padre Batista: a força de uma liderança

Entre os religiosos que, com a força de sua liderança dentro dos grupos negros de base, conseguiram que a CNBB escolhesse o negro como tema da Campanha da Fraternidade de 1988, destaca-se um jovem padre da paróquia da catedral da Sé, de São Paulo, e reitor da Igreja de Nossa Sra. da Boa Mor-te, Benedito de Jesus Batista Laurindo, o conhecido Padre Batista. Esse jovem de 35 anos, que começou a trabalhar com seis, ajudando a família camponesa em Matão, interior de São Paulo, e já foi engraxate, jardineiro, "ajudante geral", recebeu ordenação há apenas quatro anos. No entanto, não apenas pela força dos discursos contundentes que faz em favor dos negros e oprimidos, mas também pela implantação de programas sociais junto aos menores de rua, muito rapidamente viu-se amado, conhecido e respeitado, não só pelos fiéis da sua comunidade como também pela própria Igreja Católica, a qual representou por ocasião da recepção ao bispo sul-africano Desmond Tutu, durante sua recente visita ao nosso país.

Rita: Como é que o senhor, sendo negro, resolveu optar pela Igreja Católica e não por uma religião mais negra, como o candomblé?

Padre Batista: Na minha família várias pessoas praticam religiões afro-brasileiras, como Umbanda e Candomblé. Mas eu, conhecendo essas religiões, e também a Igreja Católica, desde criança fui fazendo minha opção católica, sem ter sido condicionado por ninguém.

Rita: O senhor sofreu racismo no seminário?

Padre Batista: Qualquer aluno que quer se preparar, no Brasil, tem que enfrentar uma escola branca. O seminário não deixou de ser, para mim, uma escola branca. O racismo existe em todos os lugares e por isso também no seminário. Como o resto da sociedade, a igreja também é, com toda a sua história, tremendamente branca, européia. Com o mesmo esforço com que lutamos na sociedade, a gente tem tentado lutar dentro da igreja, para vencer todas essas dificuldades no que diz respeito à questão racial. Mas a igreja tem também em seu bojo a palavra de Deus e o profeta Isaías já dizia no Antigo Testamento: "Se um dia o teu escravo for liberado, não esqueça de indenizá-lo por todo o tempo que ele te serviu". Realmente, a Igreja bem que podia ter anunciado, no ano de 1888 essa palavra profética, e pecou mais uma vez, esquecendo seu compromisso. Hoje, através dos agentes pastorais negros e de muitas atitudes concretas, condizentes com a sua teologia e a sua prática eclesial, ela retoma o caminho da fraternidade para com o povo negro.

Rita: Enquanto vemos outras religiões ganhando um número cada vez maior de adeptos (orientais, crentes etc), a Igreja Católica parece preocupada com a perda de fiéis, tanto é que o Papa faz essas maratonas pelo mundo, divulgando o catolicismo. Como o senhor vê isso?

Pe. Batista: Eu vejo muitas religiões se proliferando, sim, porque o mundo da alienação e do comodismo, da oração intimista - eu e Deus - é muito mais fácil. A Igreja Católica não está fazendo nada de extraordinário hoje, está apenas sendo sério na volta à fonte, do compromisso com o que sofre. Cristo é

leiros, sete engenhos, mais de 40 fazendas e terrenos, duas olarias, 250 casas e 1.265 escravos. Os carmelitas, com 49 religiosos e catorze conventos, possuíam quatro engenhos, mais de 40 fazendas e terrenos, 136 prédios, duas olarias e 1.050 escravos. Os mercedários, com apenas um religioso, eram proprietários de quatro fazendas e 200 escravos. Diante desses números, os franciscanos eram realmente pobres. Com 25 conventos e 85 religiosos, possuíam pouco mais de 40 negros. As ordens femininas — clarissa e carmelita descalça — tinham juntas, 49 religiosas e 400 escravos e "servas".

O catolicismo romano jamais se opôs à escravidão. Na Colônia e no Império, a Igreja confundiu-se com o aparato estatal. Joaquim Nabuco escrevia, em 1883: "Em outros países, a propaganda da emancipação foi um movimento religioso (...). Entre nós, o movimento

Abolição

aquele que andava pelas periferias de Jerusalém, curando um, levantando o aleijado, dando visão ao cego, coragem aos desanimados. E se a Igreja deixou de fazer isso durante dois mil anos, ela ficou parada no tempo. É por isso que agora ela corre em busca dessa origem, à qual muitas vezes não foi fiel. Acho que a visita do Papa pelo mundo é uma visita pastoral, ele é pastor e tem esse compromisso de estar em contato com o rebanho. Todavia, é preciso ajudar também o Papa para que de fato ele cumpra a sua missão pastoral com discernimento e justiça. Como? Ajudando a Igreja a se conscientizar, fazendo com que cada pessoa da Igreja assuma o compromisso do seu batismo e leve a sério o compromisso fundamental da religião. A palavra religião vem de um verbo latino que significa *religare*, ligar de novo. Se a gente não ajuda o homem a se ligar com sua entidade superior, de nada vale essa religião. E é assim que tenho concebido meu ministério como padre, como animador da espiritualidade do povo — e da minha própria — me sentindo mais como uma pessoa a serviço da comunidade. Acho que o padre é tremendamente um líder da comunidade, voltado para o social, e o espiritual está junto, não separado. Assim, lembrando Jesus Cristo, que veio para libertar o homem de sua situação de sub-humanidade, meu compromisso é com aqueles que mais sofrem. Muito do que a Bíblia diz poderia ser resumido naquela frase: "Deus assumiu o partido do empobrecido, do que sofre, do que chora". E quem é, hoje em dia, esse empobrecido? Sinto que esse Deus pode ser identificado no homem negro, na criança negra, na mulher negra. Por que isso é uma das minorias, entre aspas, mais marginalizadas. Pensando dentro dos compromissos da teologia da libertação, nosso Deus é negro, nosso Deus é índio, é pobre, é mulher, nosso Deus é criança abandonada.

Rita: Como é o trabalho dos religiosos negros dentro da Igreja Católica e no relacionamento com as outras religiões?

Padre Batista: Nós nos denominamos agentes de pastorais negros e nosso compromisso é com a nossa gente negra, num trabalho ecumênico, respeitando todas as religiões, sem discriminação nenhuma porque esse é o item fundamental do nosso trabalho, combater a discriminação. Temos tido mais adesão junto à Igreja Metodista e aos irmãos do Candomblé. Todavia, há ainda um intenso trabalho no sentido de ficarmos juntos como religiosos negros sem distinção de credo, cada um respeitando a opção específica do outro, evidentemente. Para mim, religião só serve se for um lugar, uma oportunidade para que o homem saia de sua alienação e entre na plenitude da vida. Não faço distinção nenhuma entre Igreja Católica, Candomblé e Protestantis-

ma. Religião que aliena, não serve para o homem. É preciso que elas tenham um objetivo, como missão: levar o ser humano à liberdade plena. E o compromisso da libertação diz respeito ao homem todo. Nesse sentido, não vejo distinção entre o material e o espiritual, porque o homem não é ora espiritual, ora material. Ele é um todo, então nosso trabalho visa a libertação do homem todo.

Rita: E a mulher? Como o senhor vê o papel da mulher na Igreja Católica? Elas não seriam também oprimidas por não poderem ser "padres", rezar missa etc?

Padre Batista: A Igreja Católica, como toda a sociedade, é muito machista e precisa, em primeiro lugar, assumir que é machista. Evidentemente que na Igreja Católica as mulheres não ocupam o lugar que deveriam ocupar e é preciso que dentro de nossos ministérios, tanto os leigos como os ordenados, a mulher venha a ocupar o lugar que também lhe compete, na transformação



Sônia diz que a Jornada do Menor sai na base da "pedição".

da igreja e da sociedade. Nós estamos juntos na luta da mulher, para que ela possa se libertar, também, dessa dificuldade em relação ao machismo da igreja.

Rita: Há algumas edições passadas Mulherio publicou uma reportagem sobre a onda de assassinatos de homossexuais e da necessidade de que esses crimes fossem esclarecidos. Pois, há duas semanas, mais dois crimes ocorreram, exatamente nos mesmos moldes daqueles, com as vítimas tendo mãos e pés amarrados, asfixia, facadas. Desta vez, dois diáconos da Igreja Católica. Como o senhor se sente com relação a essas mortes?

Padre Batista: Eu acredito que antes de mais nada trata-se de um ato discriminatório, tremendamente anti-cristão e anti-moral. O direito à vida é de todos, ninguém tem o direito de ceifar a vida do outro. Claro, quando vemos que o quadro é o mesmo dos demais crimes, lembramos do terrível tempo do esquadron da morte. É preciso que a gente se una como povo sofrido, para que ninguém seja perseguido por pertencer a

este ou aquele quadro de marginalização social, é preciso que tenhamos coragem, todos juntos, de lutar contra essa farsa e de superarmos juntos todas as dificuldades: negros, mulheres, homossexuais e todos aqueles que se sentem oprimidos nesta sociedade.

Rita: Alguma mensagem final especial para as mulheres e/ou homens negros que talvez leiam esta matéria?

Padre Batista: Nós temos ainda muitos irmãos negros preocupados em conseguir uma vaga na diretoria X ou, na assessoria Y. Nós não somos povo para viver mendigando postos, nós somos maioria numérica neste país, deveríamos ocupar cargos na proporção da nossa população. Precisamos superar esses pequenos expedientes, de andar pleiteando coisas que não satisfazem e não transformam nada. Em segundo lugar precisamos ter como prioridade a questão da criança negra, que é duplamente marginalizada, por ser pobre e negra. Não dá para se conviver numa sociedade que adota essas práticas racistas e discriminatórias. Nós temos que

formações. Só o projeto dos engraxates, que atende os meninos da Praça da Sé (fornecendo suas caixas de engraxar, almoço e recreação programada, tudo sob orientação da popular Irmã Melita) é que inclui uma quantidade maior de homens na equipe.

Há dois projetos de creches, o chamado Caminho do Sol, que atende as crianças carentes que moram nos cortiços da Baixada do Glicério; e o Projeto Bixiga, onde as crianças passam o dia sob a guarda de voluntárias que fazem o acompanhamento escolar da garotada, além de desenvolverem um trabalho de artesanato que segundo a equipe "está dando ótimos resultados".

Um dos trabalhos mais impressionantes promovidas pelo CCM do Padre Batista talvez seja a Jornada do Menor Contra a Discriminação, que já se realiza há vários anos, coordenado pela socióloga Sonia Fátima da Conceição, militante do movimento negro e coordenadora do Comitê do Menor Contra a Discriminação.

Rita: Quais os objetivos dessa Jornada?

Sônia Fátima da Conceição: A Jornada do Menor contra a Discriminação, que acontece todos os anos (a próxima será nos dias 27, 28 e 29 de maio), tem como objetivo a conscientização da criança sobre a questão racial. Aproveitamos a oportunidade para passar informação sobre a história do negro no Brasil. Há muita música, comida e brincadeira. A última jornada reuniu cerca de 300 crianças, não só de São Paulo mas também vindas do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas e Brasília.

Rita: Quem financia a Jornada?

Sônia: É tudo na base da "pedição". Essa última vez a LBV, Legião da Boa Vontade doou a comida, conseguimos papel com o Banco Itaú e contamos com o apoio também do Conselho de Participação da Comunidade Negra. Uma das maiores dificuldades para a realização do encontro é o local. Tentamos em colégios, mas quando dizemos que é para o menor carente o pessoal sempre inventa uma desculpa para negar, tanto os colégios católicos como os estaduais. A última jornada teve que ser feita na quadra da Escola de Samba Unidos do Peruche.

Se você deseja colaborar, participar a sede do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua fica na Pça do S6, 184, 7º andar, cj. 702, São Paulo, fone 37-8326. O CCM, Centro Comunitário do Menor, fica na Avenida Liberdade, 345, 1º andar, fone 279-2895, São Paulo. Para obter exemplares da cartilha OUVI O CLAMOR DESTA POVO, publicada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), escreva para Centro de Pastoral Popular, Caixa Postal 09-1064, 70000 Brasília DF, telefone (061) 248-4166.

Rita Moreira é jornalista e produtora de vídeo

Brasil tem superávit no setor de mulheres

Paula Mageste

Março, dia dez. Cinco mulheres e seu empresário aguardam a chamada para um voo com destino ao Canadá no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, São Paulo. No mesmo dia, Ligia de Paula Souza, presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos do Estado de São Paulo, recebe um telefonema anônimo denunciando a ida de dançarinas para o Exterior a partir de transações ilegais. Numa ação conjunta, Ligia e a Polícia Federal averiguam a legitimidade da operação no próprio aeroporto, vistoriando contratos, passaportes e passagens.

As brasileiras haviam sido contratadas pelo empresário argentino Mario Alejandro Mugno através de uma agenciadora, a bailarina Andréia Lúcia da Silva. A proposta era de um salário mensal de US\$ 2 mil e 600 para 90 dias de trabalho na Itália. Nenhuma das moças soube explicar o porquê da "escala" que fariam no Canadá.

Polícia Federal X Crime Organizado

O episódio traz novamente à tona uma questão que, apesar de sua gravidade, é sistematicamente negligenciada e posta de lado pelas autoridades brasileiras, permitindo à máfia internacional do tráfico de mulheres uma ampla margem de ação e contribuindo para que o Brasil lidere a lista dos exportadores de "bailarinas".

Depois de muito argumentar para convencer o responsável pelo setor de Comunicação Social da Polícia Federal, o delegado Assir Pereira, de que este órgão era o responsável pelas investigações do caso, **Mulherio** ouviu a seguinte declaração de outro delegado federal: "Não adianta nos organizarmos para agir contra o crime organizado, pois cada vez que descobrimos seu *modus operandi* eles o modificam".

No entanto, parece que a Polícia Federal não tem cumprido sua função de ao menos dificultar e restringir a ação da máfia, escorando-se no discurso da impotência, falta de verbas e superioridade organizacional dos agentes do tráfico.

E há dados que a PF desconhece ou finge ignorar: desconfiadas a princípio, mas desconhecedoras dos trâmites legais que deveriam ser observados na transação, as bailarinas só se convenceram de que não havia nenhum problema em relação ao contrato — total-

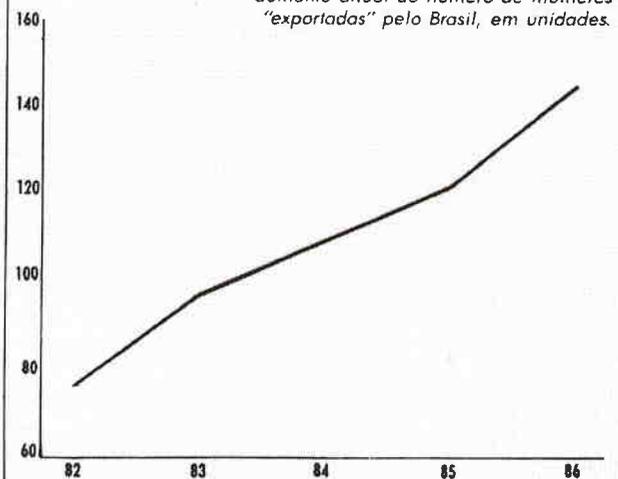


Segundo Ligia de Paula, 200 "artistas" saem do País todo mês

A qualidade nacional é mundialmente reconhecida. O Brasil transforma-se em líder absoluto na exportação de um "artigo" muito requisitado: a mulher. Mas, embora o volume de negócios cresça assustadoramente, nenhum organismo governamental se interessou em contabilizar os lucros dessa operação que, seguindo o rastro da tradição brasileira, ficam em grande parte fora do País.

Os números do tráfico

aumento anual do número de mulheres "exportadas" pelo Brasil, em unidades.



Fonte: Centro de Informação para Mulheres do Terceiro Mundo (FITZ), Zurique, Suíça.

mente frio, formulado em italiano, sem o visto do Sindicato da categoria ou do Ministério do Trabalho — ao serem levadas ao Consulado Italiano, onde o empresário argentino mantinha conversas com um provável contato da máfia, que elas ingenuamente pensaram ser

o Cónsul.

Exportar é o que Importa

A presidente do Sindicato do Artistas resalta outro aspecto irregular: as moças não eram profissionalizadas. "O que

elas fizeram foi desembolsar Cz\$ 4 mil para comprar uma carteirinha que supostamente as regulamentaria na profissão, emitida, sem a menor competência, pela Associação Brasileira dos Empresários de Diversões, uma entidade patronal que estamos acionando".

Curioso também era o roteiro estipulado para as bailarinas: Canadá, onde provavelmente seria feita a distribuição das moças, interior da Itália, São Paulo (apenas de passagem, para realização de shows) e Buenos Aires, onde provavelmente seriam largadas sem dinheiro ou recursos para voltarem ao Brasil. Ligia calcula que esse roteiro e outros do gênero são seguidos por aproximadamente 200 "artistas" que saem irregularmente do País todos os meses. Além da Itália, o maior número de "convites" vem da Suíça, Grécia, China e Japão, líder absoluto da lista.

De acordo com um dossiê elaborado em 1986 pelo Centro de Informação para Mulheres do Terceiro Mundo, sediado em Zurique, o Brasil encabeçava a lista de exportadores de mulheres para a Suíça, ao lado da Tailândia e da República Dominicana.

Na Suíça, a bailarina passava um mês em cada boate e descobria o que realmente significava o termo artista no seu contrato. Segundo o dossiê, elas têm que "exibir seus encantos sexuais de forma provocante diante dos clientes e algumas têm que desnudar-se completamente. (...) Entre cada apresentação, as mulheres tem que sentar-se com os clientes e motivá-los a comprar bebidas alcólicas. Se por acaso não conseguem atingir a cota mensal de dez mil francos suíços (US\$ 5 mil) — da qual recebem apenas 10% — torna-se praticamente impossível conseguir outro contrato de trabalho para o mês seguinte". Em abril de 1986, 146 brasileiras encontravam-se nessas condições.

Para evitar o contrato e o embarque ilegais — além de acalmar as moças, que se recusam a dar declarações com medo de represálias — o Sindicato dos Artistas e Técnicos está se preparando para iniciar um trabalho de orientação e informação às mulheres nos boates, onde surgem os convites. Ligia pretende também contatar entidades de outros Estados para alertá-las do mecanismo de atuação da máfia do tráfico que, a partir do indiciamento do empresário argentino e sua agenciadora, deve concentrar suas ações fora de São Paulo.

Roberto Oliveira Paes

9
mulherio
abr./mai. 88

VIVA A AMÉRICA LATINA.

Viva as belezas naturais, o povo e a cultura dos países latinoamericanos. Roteiros para Cuba, Nicarágua,

México, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina etc. Participe dos congressos de 1988

do Palácio das Convenções de Havana. Solicite nosso programa de eventos.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU A
Porto da Barra
TURISMO LTDA

EMB. 006800041-8
ATA 27561063

REPRESENTANTE OFICIAL DO PALÁCIO DAS CONVENÇÕES DE HAVANA - CUBA
RUA JOÃO PONDÉ, 43 - LQJA - CEP. 40.130 - SALVADOR - BAHIA - TEL. (071) 235-1490 - TELEX (071) 2887

CONDIÇÃO DE MULHER

Um espaço específico da luta da mulher. Na TV.

A Videomaker é uma produtora independente que, desde junho de 1984, produz programas para as TVs Gazeta (SP); Capital (DF); Itapoan (BA) e Guaiaba (RS). É da Videomaker o primeiro e único programa de televisão, com exibição regular, a se intitular puramente feminista, exclusivamente comprometido com a discussão e o enfoque das muitas lutas das mulheres pelo direito à igualdade de oportunidades.

CONDIÇÃO DE MULHER foi ao ar, pela primeira vez, no dia 1º de dezembro de 1985 e até 21 de dezembro de 1987 era exibido aos domingos à tarde, pela TV GAZETA de São Paulo. Há três meses, o programa ganhou muito mais espaço e frequência. Hoje você pode acompanhar a CONDIÇÃO DE MULHER todos os dias, de segunda a sexta, às 7h55 e às 13h15, em edições diferentes, pelo canal 11 de São Paulo.

Um parto difícil

CONDIÇÃO DE MULHER estava na cabeça do pessoal da Videomaker há muito tempo. Não é nada difícil perceber que a TV pouca atenção dedica à luta das mulheres e, quando a faz, na maioria das vezes, trata a matéria como "feminina", confinando-a aos horários vespertinos, geralmente em programas

que enfocam assuntos domésticos; ou então parte logo para o deboche e identifica esta luta com mulheres mal amadas, feias, mal produzidas, sapatinas, frustradas etc. Aliás, por isso mesmo, algumas mulheres já estão fazendo a piada ao avesso, dizendo, por exemplo, que não votariam no Ulysses ou no Leiva por sua absoluta falta de charme...

E já que a televisão trata tão mal a causa feminina, por que não abrir um espaço para que se discuta a questão com seriedade?

Abrir espaço em TV não é fácil. Para a mulher, menos ainda. No entanto, a diretoria da TV GAZETA aceitou bem a proposta da Videomaker, mas só depois de um ano de discussões e considerações. Recentemente, com as muitas mudanças realizadas naquela emissora, o CONDIÇÃO DE MULHER obteve o seu reconhecimento: está no ar duas vezes por dia, levando até você as principais questões da condição de mulher em nossa sociedade, para reflexão e debate.

O programa nasceu em 1985 porque este foi um ano muito rico para as mulheres brasileiras. Em 85 foram criados os Conselhos da Condição Feminina e dos Direitos da Mulher, as Delegacias de Defesa da Mulher e houve um real

incremento da participação feminina nos partidos políticos.

Antes porém de colocar no ar o CONDIÇÃO DE MULHER, a Videomaker colocou, numa reunião ampla, a maioria das lideranças de movimentos populares organizados por mulheres. Estavam ali representadas muitas correntes de pensamento, muitas tendências políticas.

Foi uma reunião vibrante: muita discussão, muita polêmica e um resultado: estava aberto um espaço realmente democrático, um novo canal de comunicação entre mulheres, todas as mulheres de São Paulo e Brasília (onde o programa é exibido pelo canal 8).

CONDIÇÃO DE MULHER, ao contrário do que alguns supõem, vive exclusivamente de suas verbas publicitárias que vêm todas da iniciativa privada. Não há nenhuma espécie de apoio do governo, nem verbas públicas e, muito menos, verbas políticas. É um espaço aberto. E quem quiser participar pode conversar diretamente com Isabel Vasconcellos, sua diretora e apresentadora pelo telefone (011) 288.0297 ou escrever para Av. Paulista, 1159.cj. 306, cep 01311, São Paulo, SP.

É a partir de agora, sempre em MULHERIO, assuntos do CONDIÇÃO DE MULHER.



SAÚDE DA MULHER

Dra. Fátima Duarte

Somos muitas, somos pátria, somos metade de uma nação. Sabemos que hoje grande parte das mulheres brasileiras não tem acesso à assistência médica, quer preventiva, quer curativa. A mulher, por características próprias, necessita de uma atenção especial e não somente dos planos que englobam a saúde do adulto. A mulher menstrua, tem relações, utiliza métodos anticoncepcionais, engravida, dá à luz, amamenta, aborta, entra em menopausa. Essas etapas têm que ser absorvidas de uma maneira natural, sem traumas, com o conhecimento exato de cada uma delas.

A experiência pessoal, para a maioria das mulheres, é solitária e cheia de medos, como a iniciação sexual, como a gravidez indesejada, como o aborto, que hoje mata um número grande de brasileiras.

Precisamos ter força, para que a saúde seja um direito de todas as mulheres,

da cidade e do campo. Força, para falar livremente dos métodos anticoncepcionais, do conhecimento do corpo, da sexualidade, do aborto e, principalmente da vida.

Este é o destino que deve ser de todas as que lutam por uma vida melhor para o povo brasileiro. O futuro espera uma geração de mulheres e tomara que neste futuro próximo, ao lado de melhores condições de vida, de trabalho, de educação e de moradia, de uma melhor distribuição de renda, surja uma brasileira consciente de sua importância no processo social que, ao lado de seu companheiro, possa viver saudável, não alquebrada pelo excesso de trabalho, não envelhecida precocemente. E que esta brasileira possa caminhar pelos seus próprios pés, sorrir e sonhar.

Dra. Fátima Duarte é médica ginecologista e apresenta o programa JUNTA MÉDICA, pela TV Gazeta, todos os domingos, a partir das 10h00 da manhã.

FEMINISTA? QUEM? EU???

Isabel Vasconcellos

Fico muito impressionada com a quantidade de mulheres que entrevisto na TV ou com quem simplesmente troco idéias, que têm um medo horroroso do rótulo de "feminista". Sei que as próprias feministas muitas vezes se recusam a discutir esta questão da importância, ou não, do rótulo. Mas, ora bolas, se as mulheres mais bem-sucedidas, as batalhadoras de fato, trabalhadoras e heroínas do cotidiano, têm medo do rótulo, do que é que eu devo chamá-las, então? De femininas? De companheiras? Parece bobagem, mas na prática é dramática. Mulheres maravilhosas que concordam com todas as nossas bandeiras, lutam pelas mesmas idéias, só não topam é serem rotuladas como feministas. Nós sabemos muito bem porque. Feminista é palavra maldita. Baixo astral.

Os meios de comunicação se aprimoraram nesta coisa horrível: prá eles (salvas as honrosas exceções) feminista é sinônimo de, no mínimo, histérica e frustrada. Ora, nenhuma mulher quer se identificar com tal imagem. É claro que as mais inteligentes (ou quem sabe as mais corajosas) não estão nem aí para rótulos e nem devem estar mesma,

Mas está na hora de nós, feministas, lutarmos também pela recuperação desta palavrinha, pela dignidade do rótulo. Somos feministas, sim, e com muita honra, muito amor e muito sucesso. Qualquer mulher que identifique sua própria discriminação, qualquer mulher que defenda a igualdade de oportunidades para os sexos, qualquer mulher que não se sujeite às "facilidades" inerentes à postura de "sexo frágil", qualquer mulher que questione a desigualdade entre homens e mulheres, queira ou não queira, é feminista.

Se você, leitor (seja você homem ou mulher), acredita que nós, seres humanos, somos iguais em potencial, em capacidade e nos direitos; se você acredita que homens e mulheres devem ser tratados com igual dignidade e respeito... bom, neste caso, sinto muito, mas você é um feminista.

E está na hora de parar de se envergonhar disso, com tanta coisa mais importante para pensar e para fazer.

Isabel Vasconcellos é diretora de produção da Videomaker e apresentadora do programa Condição de Mulher, de segunda à sexta, às 7h55 e às 13h15, pela TV Gazeta, canal 11, São Paulo.

VIDEOMAKER
PRODUÇÃO INDEPENDENTE

Pola Vartuck

"O Último Imperador", o magnífico e sentuoso filme do italiano Bernardo Bertolucci, abrange um período de 60 anos — período no curso do qual a China passou por radicais transformações políticas, sociais e culturais, ao transformar-se, após sucessivas revoluções, de regime feudal em República comunista.

O filme narra basicamente a incrível e extraordinária história de Pu Yi (1906-1967), o último imperador da China, que depois de ver-se alçado ao trono aos três anos de idade e cultuado como um deus vivo, morreu trabalhando como humilde jardineiro em Pequim, 59 anos mais tarde, depois de sobreviver ao destronamento, ao exílio, ao julgamento em Tóquio por crimes de guerra, e a 14 anos de prisão (nove dos quais num cárcere chinês, onde foi submetido a uma "lavagem cerebral" da qual sairia convertido ao marxismo).

Mas, através das mulheres que participaram da vida de Pu Yi, o filme também nos permite vislumbrar um pouco da condição feminina num país como a China, onde a mulher ficou, durante séculos, relegada a um papel totalmente secundário.

Pu Yi foi arrancado dos braços de sua mãe antes de completar três anos de idade e levado para a Cidade Proibida (sede do palácio e dos jardins imperiais), onde viveu privado de todo afeto maternal (a não ser o de sua ama de leite que o amamentou até os oito anos), embora cercado de centenas de servos eunucos que satisfaziam todos os seus caprichos. Na verdade, ele só reinou durante quatro anos, pois foi deposto pela revolução republicana, mas nem se deu conta disso porque permitiram que continuasse vivendo dentro da Cidade Proibida, cercado de todo o fausto e de sua numerosa corte. Ali, foi mantido como prisioneiro até os dezesseis anos, quando foi finalmente expulso da Cidade Proibida pelas forças nacionalistas.

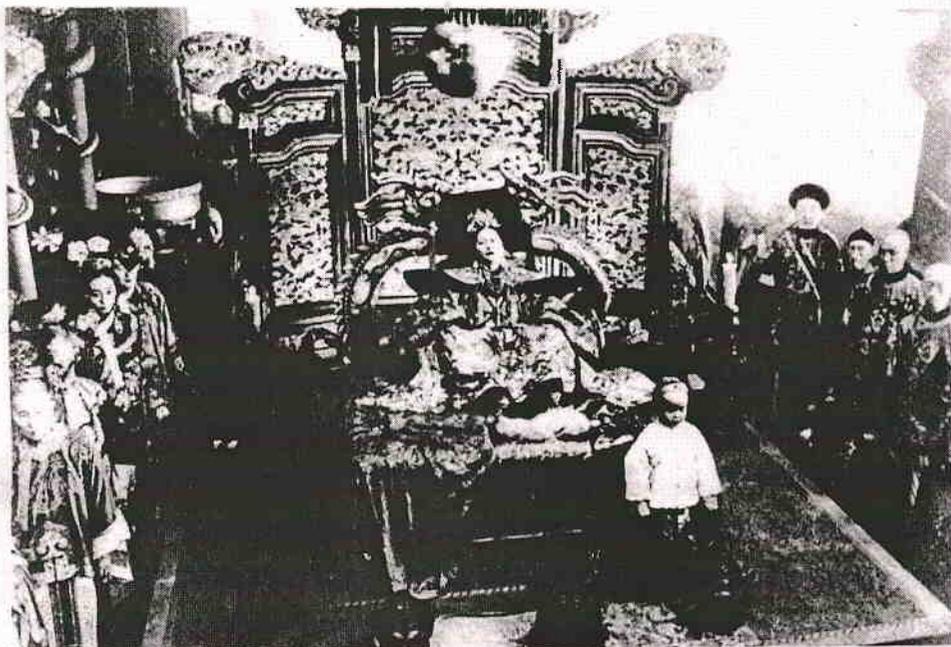
Quando completou 15 anos, as imperatrizes consortes decidiram casá-lo. Tanto sua primeira esposa, a imperatriz Wan Jung, (mais conhecida como "Elizabeth"), como sua primeira concubina, Wen Hsiu, foram escolhidas por fotografia. Pu Yi só pôs os olhos nelas no dia do casamento, conforme a tradição. E a noite de núpcias, pelo menos com a bela Elizabeth, parece ter sido um fiasco. (Um de seus historiadores, Edward Behr, suspeita que ele tenha sido bissexual).

O fato é que embora no filme de Bertolucci só apareçam essas duas consortes, Pu Yi, na verdade, teve duas esposas oficiais e três concubinas.

Sua primeira concubina, Wen Hsiu, pediu o divórcio algum tempo depois que a família imperial, expulsada da Cidade Proibida, passou a viver no exílio, em Tientsin. Gesto sem precedentes para a concubina de um imperador da dinastia Ching e profundamente humilhante para ele.

Sua primeira esposa, a imperatriz Eli-

Trágicas, cruéis, sedutoras: as mulheres do Último Imperador



A Imperatriz-mãe: uma mulher cruel subjuga toda a China

zabeth, começou a fumar ópio em Tientsin. Ela tinha 19 anos, sentia-se enclausurada na provinciana cidade, impossibilitada de viver sua vida livremente. Carregava nas costas todo o fardo de uma imperatriz, sem gozar nenhum de seus privilégios. Mas, sobretudo, ela desprezava o marido (já que na época a relegava sexualmente), por causa do envolvimento deste com os japoneses, que haviam invadido uma parte da China, a Manchúria, e ali acenavam com a criação de um Estado "independente", o Estado de Manchukuo, no qual não tardaram a instalar Pu Yi como imperador fantoche. Elizabeth meigulhou cada vez mais no ópio, enquanto Pu Yi se dava cada vez mais conta de que era virtualmente um prisioneiro dos japoneses.

Enquanto isso, Pu Yi instalava uma "concubina secundária" em seu palácio: uma garota de dezesseis anos chamada Tan Yu-ling, — a única mulher a quem ele parece ter realmente amado. Um dia, Pu Yi descobre que Elizabeth, a imperatriz, está grávida. E grávida de seu motorista, do qual se tornara amante. A reação de Pu Yi, no filme de Bertolucci, é de compreensão e tolerância. Mas num filme chinês intitulado "A Última Imperatriz", que concorreu ao Tufano de Ouro no último Festival, e que

conta a mesma história de um ponto de vista totalmente oposto, o imperador, mostrado como um sádico tirânico colérico, enche de pontapés a barriga de Elizabeth. Seja como for, quando Elizabeth dá à luz, um médico japonês se encarrega de matar o bebê recém-nascido (uma menina) com uma injeção. Diante dos olhos da mãe. Depois disso, Elizabeth enlouqueceu de vez.

Dezoito meses mais tarde, em 1942, morre Tan Yu-ling, a "concubina secundária" de Pu Yi. Mais tarde, no Tribunal Internacional de Tóquio, ele acusaria os médicos japoneses de a terem assassinado.

Outra figura marcante que aparece em "O Último Imperador" é Jôia Oriental, uma espécie de Mata Hari chinesa que, embora sendo uma princesa manchú de sangue real, trabalhava como espã para os japoneses. No filme, ela é mostrada como tendo induzido Elizabeth ao vício do ópio. Na verdade ela desempenhou um papel decisivo convencendo Pu Yi a colaborar com os colonizadores japoneses. Jôia Oriental, que levava uma vida sexual escabrosamente amoral, especialmente para os padrões da época, comprazendo-se em seduzir homens e mulheres, seria decapitada como espã no final da Segunda Grande Guerra.

Mas a figura mais terrível de todas foi a "Imperatriz Viúva" Tzu Hsi, cognominada a "Velha Buda" (1835-1908) e que só aparece rapidamente no início do filme de Bertolucci. É ela a velha imperatriz que, em seu leito de morte, designa o infante Pu Yi como sucessor ao trono.

Tzu Hsi, que dominou a China de 1860 até sua morte, em 1908, foi uma das regentes mais cruéis, impiedosas e destituídas de princípios de sua época. Seu governo extravagante, cruel, corrupto e xenófobo levou a China à beira da bancarrota e da anarquia. Dotada de inteligência precoce, ela que entrou como concubina de quinta categoria para a corte do jovem imperador Hsien Fong (1831-61), em 1854, logo conseguiu impor-se com suas intrigas, manobras maquiavélicas e subornos, passar a concubina de segunda categoria e, finalmente, a Imperatriz Viúva. Seu reinado foi uma longa série de assassinações, envenenamentos, traições e decapitações que deixam os Bórgias e Messalina no chinelo. Sem ela e seu reinado corrupto, a China teria sido um país muito diferente e Pu Yi não se teria tornado imperador.

Pola Vartuck é crítica de cinema.



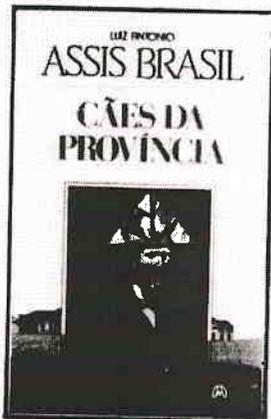
A Última Imperatriz: sem poderes e desprezada por Pu Yi

Foto divulgação

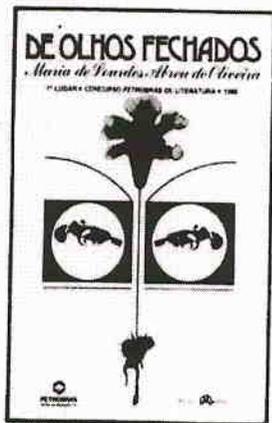
Foto divulgação

MERCADO ABERTO

sempre uma leitura inteligente



CÃES DA PROVÍNCIA
Desafiando com maestria os limites entre a ficção e o documento, Luiz Antonio de Assis Brasil revive, neste romance, a alma invulgar do personagem antológico que foi Qorpo-Santo, afirmando-se, mais uma vez, com a energia e a maturidade de um grande romancista.



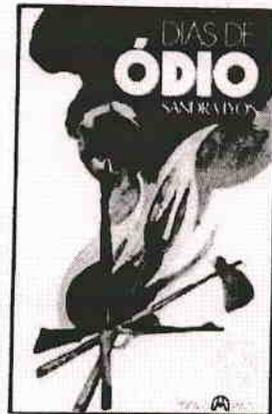
DE OLHOS FECHADOS
Esta novela, vencedora do Concurso Petrobrás de Literatura em 1986, é um exercício invulgar da técnica narrativa, em que o escritor não é um mero narrador dos fatos objetivos, mas também um explorador de paisagens humanas, mesmo as já conhecidas intensamente.



CARIÓTIPO DE TODOS OS CONTO
Esta antologia congrega escritores ativamente participantes da vida literária do Rio de Janeiro, dando prosseguimento ao mapeamento do conto no Brasil que a Editora Mercado Aberto vem fazendo. A coleção conta também com *Rodízio de contos (RS)* e *Contos da Terra do Conto (MG)*.



FICÇÕES Nº 2
O melhor da produção inédita de contos brasileiros e um convidado especial estrangeiro estarão nas páginas da *Revista Ficcões* a cada novo número. Uma idéia plural.



DIAS DE ÓDIO
Hoje, no campo brasileiro, o clima é de guerra. De um lado o fazendeiro, intransigente na defesa de sua propriedade, de outro os posseiros, lutando pela sobrevivência dentro de um sistema produtivo que os exclui, como nesta excelente novela, em que basta a luz de um isqueiro na escuridão da noite para acender o conflito.

MERCADO ABERTO
Rua Santo Antonio, 282
Fone (0512) 21 8595
90220 Porto Alegre / RS - CP 1432

São Paulo:
Rua Cardeal Arcoverde, 2934
Fone (011) 814 8916
Bairro Pinheiros
05408 São Paulo / SP



Nas livrarias ou pelo reembolso postal

OS908 DISTRIBUIDORES

RAJAU - LIVRARIA MESQUITA (079) 224 1495 - BAURUR - PERUÍBE - LIVRARIA E PAPELARIA (0142) 23 1269 - BELÉM - CONTE CURIPA IND. COM. LTDA. (091) 223 8422 - BELO HORIZONTE - DIST. KLS LTDA. (051) 201 9221 - BRASÍLIA - LIVRARIA RESENÇA LTDA. (061) 225 5475 - CAMPO GRANDE - LIVRARIA E DIST. LÉ LTDA. (047) 624 1675 - CUIABÁ - DIST. LIVROS BRASIL CENTRAL LTDA. (065) 321 0160 - CURITIBA - LIV. DIST. COMUNICAÇÃO LTDA. (041) 223 9257 - FORTALEZA - TRONCAL EDITORA LTDA. (085) 231 2897/231 7881 - GOIÂNIA - DISTRIBUIDORA EL DORADO LIVROS (062) 226 4847 / 223 8329 - MANAUS - DICAL DIST. CULT. LIVROS LTDA. (092) 234 8639 - PORTO ALEGRE - EDITORA MERCADO ABERTO LTDA. (0512) 1 8595 - PORTO VELHO - LIVRARIA CULTURAL (069) 231 9405 - RECIFE - CAPUXU LIVROS LTDA. (051) 231 3619 - RIO DE JANEIRO - LIVRARIA IRRADIAÇÃO CULTURAL LTDA. (021) 299 5996 - SALVADOR - DIMENSÃO DIST. DE LIVROS (071) 248 114 - SÃO LUÍS - LITERARTE LIT. ARTE LTDA. (088) 222 1376 - SÃO PAULO - FILIAL EDITORA MERCADO ABERTO LTDA. (011) 814 8916 - TERESINA - LIV. EDIT. CORISCO LTDA. (086) 222 2917 - VITÓRIA - LIVRARIA LOGOS. (027) 223 1212.

Frida, ou a forma de driblar a dor. Com arte.

Miriam L. Moreira Leite

JAMIS. Rouda. *Frida Kahlo*; trad. Luis Claudio de Castro e Costa, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1987.

O perigo de se escrever sobre uma personagem muito poderosa é acabar dissolvendo a autoria e o livro escrito. A personagem apodera-se do leitor direto e completamente, como se a mediação do escritor e daquilo que ele resolveu ou pode escrever deixassem de existir. A autora desaparece, enquanto a criatura que reviveu através de fragmentos colhidos e escolhidos torna-se a interlocutora ativa do leitor fascinado.

É difícil saber o que atrai mais em Frida Kahlo: sua vitalidade diante do sofrimento constante; a profunda necessidade de expressão e conhecimento através da pintura ou a participação na vida cultural e política do México, nas décadas de 30 e 40.

Jamis Rouda organizou em ordem cronológica o roteiro do livro, sem se preocupar com a origem dos dados, nem com indicações de fontes. Foi intercalando reconstruções suas, textos de diários e cartas de Frida Kahlo. Embora tenha dado título a seus capítulos, escritos na terceira pessoa, e deixado sem denominação os da pintora, escritos na primeira, essa intercalação nem sem-

pre muito clara dos textos incomoda o leitor. A indefinição interrompe a fluência do livro. Não é nem a biografia romanceada anunciada na orelha, nem um estudo biográfico recuperado através de construção literária, consulta a arquivos e tomada de depoimentos.

Nada disso impede que Frida Kahlo vá crescendo, através da leitura, até deixar o leitor só e desolado com sua morte em 1954, duzentas e sessenta páginas depois.

Filha de um fotógrafo judeu-alemão e de uma mexicana, devota da Virgen de la Soledad, Magdalena Carmem Frida Kahlo y Calderon nasceu a 6 de julho de 1907, na casa azul de Coyocacan, Rua Londres 127. A casa azul se tornou célebre pela vida que concentrou, pelo casamento de Frida e Diego Rivera, pela hospedagem oferecida a Leon e Natália Trotsky e, finalmente, por sua transformação num tocante museu, legado em 1955 ao povo mexicano.

Ainda que Frida Kahlo só tenha morado intermitentemente na casa pintada de azul, por dentro e por fora, essa construção de seus pais abrigou-a, foi crescendo e se povoando de animais, objetos e sinais significativos, através de sua vida. Talvez seus longos períodos de clausura e imobilização, desde a poliomielite, que atrofiou a sua perna direita aos dez anos de idade, até o isolamento e a dependência em que ficou

em sucessivos momentos da vida, após o acidente de ônibus, sejam responsáveis por essa identificação tão completa entre Frida e a casa. Uma cama com dossel de madeira, onde se fixaram um espelho e pranchetas, passou a ser um objeto essencial nas longas convalescenças, depois do acidente que desestabilizou toda sua estrutura óssea e muscular. O confinamento na cama e o espelho é que a levaram à pintura dos sucessivos autorretratos. Transformou num pássaro negro suas espessas sobrancelhas, através dos quadros em que procurou compreender o que acontecia com o seu corpo, num esforço supremo de não se desestruturar mentalmente.

O acidente provocou fraturas na espinha e deslocamento de vértebras, propiciando ainda a contração da perna direita e alterações anatômicas no abdômen. Vários tratamentos penosos foram tentados com resultados limitados; Frida Kahlo usou diversos coletes de gesso, de couro e de aço e sofreu amputações. Em diferentes momentos a volta das dores e de infecções deixavam-na tomada pelo desespero e pelas lágrimas, não só pelo sofrimento como pelo medo de que não mais a suportassem como ela ia se tornando e de aflição com as despesas médicas em que a família se esgotava financeira e psicologicamente.

Frida Kahlo começou a pintar aos 20 anos, sem mestres, e em seguida começou a frequentar o meio artístico e os comunistas mexicanos. Manteve-se ligada ao Partido Comunista até o fim da vida, com um breve período de ligação com os trotskistas. Nesse ambiente encontrou o muralista já consagrado Diego Rivera, que voltava de longa estada na Europa, sedento dos valores, hábitos e crenças de seu país. Indo ao encontro desses anseios, Frida passou a vestir-se com trajes típicos mexicanos, que ocultavam suas deformidades e com os quais sempre é lembrada. Aos 22 anos Frida casou-se com aquele homem famoso e mulherengo de 43. Não foi o primeiro amor de Frida, nem sequer o último, mas uma união febril, tumultuada por choques, separações e reencontros eszuziantes. Para os pais de Frida, era o casamento de um elefante com uma pombinha, diante do qual se mantiveram reticentes; para os amigos, era uma fonte constante de curiosidade. Os filhos que ela desejou não puderam chegar a bom termo. As fraturas da coluna, os abortos, a concepção, a identificação do casal e seus conflitos, tudo foi se transformando em quadros, onde Frida ia delineando o seu doloroso narcisismo.

Gastavam sempre muito acima de

seus recursos, tendo de enfrentar constantemente despesas médicas que nunca deixaram de afligi-los, além de conservar seus hábitos de colecionadores de cerâmica pré-colombiana, de exvotos e de objetos folclóricos.

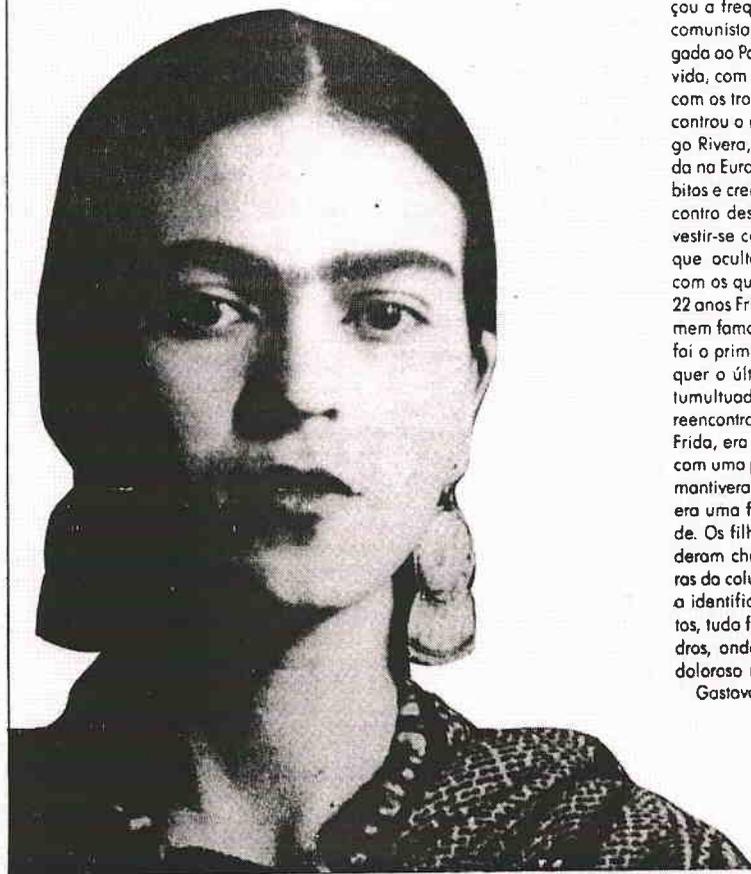
Neste clima e em plena Guerra Civil Espanhola (1937), Diego se dispôs a hospedar Leon e Natália Trotsky, expulsos por Stalin da União Soviética e que viviam deportados desde 1928. A casa azul foi transformada numa fortaleza, com policiais rondando e camaradas a montar guarda dia e noite. A beleza, o temperamento e a inteligência de Frida acabaram envolvendo o revolucionário, então com 58 anos e preocupado com as acusações que pesavam sobre ele e o filho, nos processos de Moscou. Durante alguns meses viveram um romance impossível seguido por um rompimento político e pela saída de Trotsky da casa azul. Em maio de 1939, este foi vítima do atentado do muralista Siqueiros e em agosto foi assassinado por Ramon Mercader. Frida sentiu-se culpada e entrou em desespero, o que a levou a reenir-se com Rivera, de quem estava separada.

Chegado ao México para uma série de conferências sobre o Surrealismo, André Breton foi também hospedado pelos Rivera. Breton apreciou a pintura de Frida e levou-a a expor em Paris, onde seu talento foi reconhecido por Kandinsky, Miró, Max Ernst e Picasso. Em 1940, participou da Exposição Internacional do Surrealismo, ainda que não aceitasse essa definição de sua pintura.

Em 1942, Frida e Rivera participaram de uma escola de arte, onde ela fazia com que os alunos pintassem o que viam, sem artifícios, levando-os a absorver sua experiência artística, desenvolvendo ao máximo a própria sensibilidade.

A medida que piorava seu estado físico e se multiplicavam operações e tratamento duvidosos para aliviar as dores, a pintura mais se transformava numa tábuca de salvação. Em 1944 produziu *A coluna quebrada*, onde aparece com o busto nu e cabelos soltos. "De colete, seu corpo se abre, mostrando no vermelho da carne uma coluna grega toda quebrada; e sobre a totalidade do corpo visível, pregos estão cravados nos pontos de dor (p. 242)". Este quadro foi escolhido como o emblema do Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU, em 1975, e que deu impulso a trabalhos sobre a condição feminina, no mundo inteiro. É que, como Rivera deixou registrado, ela teve a capacidade de expressar, através de uma senda dolorosa, "Fatos gerais e particulares que dizem respeito exclusivamente às mulheres."

Miriam L. Moreira Leite trabalha no Centro de Apoio à Pesquisa em História da Universidade de São Paulo e está fazendo uma pesquisa sobre Documentação Fotográfica.



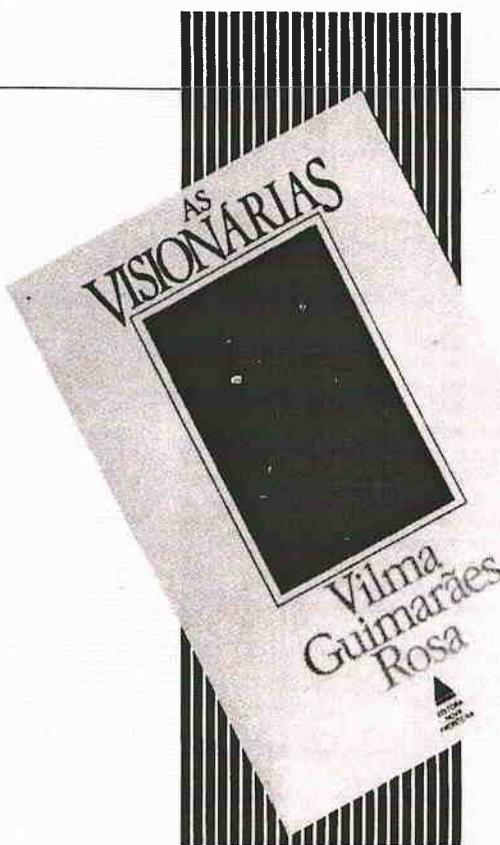
Leda Maria Martins

Em seu último livro, *As Visionárias*, Vilma Guimarães Rosa reúne dezesseis histórias que têm a mulher como leitmotiv. A autora, em uma pequena nota introdutória, nos diz que suas próprias personagens justificam o título da obra, "pois as caracteriza uma visão introspectiva da vida. Elas se olham dentro de si mesmas e vêem além do próprio horizonte".

Através desta "visão introspectiva", Vilma Guimarães Rosa delinea vários perfis da figura feminina, criando personagens que, como Tírsias, prescrutam as instâncias da memória; uma memória de duração atemporal que engloba presente e passado, sujeito e objeto, consciente e inconsciente, no percurso de um único traçado: o do amor vivido ou sonhado, real ou imaginário, sentido ou apenas desejado.

O amor é o tecido costurado ao longo dos textos, nos quais se disseminam os falares de diversas protagonistas, de diferentes idades. "Agora, dialogava com suas recordações", nos revela uma narradora. Este diálogo com a lembrança, do qual flui o amor, é a constante dos contos de *As Visionárias*, narrativas "sinfonadas" por várias vozes de mulheres, numa fala difana, às vezes fluida, às vezes balbuciante. Os diversos enredos do livro se contam e se cruzam na cena única do falar do amor no corpo e voz da mulher; amor recapturado, numa escrita que se tece "nas esquinas da memória", recuperando vozes antigas, pontos de encontros, porcelanas chinesas, um velho farol, retratos, valsas, significantes demarcados através dos quais o passado irrompe, adjetivando o fluxo do pensamento.

A irrupção do passado não se dá, entretanto, através da memória fria e intelectual, mas sim pela recordação que, liricamente, evoca o passado, fertilizando e reconstituindo o presente. Essa instituição do presente como junção de durações temporais diversas permite a imersão do imaginário no cotidiano das personagens, redefinindo o real que se reveste, então, de dimensões simbólicas



As Visionárias, de Vilma Guimarães Rosa. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Em busca do tempo vivido

e de efeitos fantasmáticos: "Em casa, os velhos móveis que o tempo tornou quase humanos me recebem com langível segurança. As cores e as formas ameaçam se libertar dos quadros, eles não param de contar coisas e coisas, numa

comunicação febril e imediata. Os livros atentos, guardando a sabedoria, observam à espreita. A máquina de escrever fiel. Vou ligar a música e reavivar lembranças".

As personagens femininas de *As Vi-*

visionárias são, em sua maioria, construídas como duplos que se reconhecem num outro ou outra especular, um complemento deslocado na trajetória do passado revivido. São duplos de si mesmas, duplos do "Eu" retido na instância do tempo passado, que o desejo coloca em face do "Eu" do tempo presente, na tentativa de construção de um tempo total, completo, atemporal. Um tempo sem tempo ou fora do tempo. Afinal, "o tempo não existe. O que conta são as coisas que a gente faz ou deixa de fazer".

Esta construção atemporal torna-se possível "no processo constante de armazenar lembranças. Sem a preocupação de arquivá-las, apenas empilhando os fatos, prontos para serem pinçados pela mente, no ato quase inconsciente de recordar". É deste presente atemporal, que o "Eu" tenta emergir, com presença simultânea de todos os "Eus" armazenados nas retinas, reunidos e condensados pelo discurso da memória.

O discurso da reminiscência constrói-se através de uma linguagem, muitas vezes poética, que dialoga com vozes do passado, revitalizando-as, no desejo de fertilizar o presente. Um discurso que, muitas vezes produz uma terapia de fala, recuperando ressonâncias antigas, ecos, remendos de diálogos figurados no in(consciente), fluindo no cotidiano, incorporando ao presente a duração simultânea do passado, sempre *in media res*, num fluxo constante.

Nessas personagens e falas especulares, na fabulação das histórias, Vilma Guimarães Rosa cria um diálogo incessante entre os vários contos de *As Visionárias*, apesar da autonomia de cada narrativa. A metáfora do passado é a nota dominante que, disseminada por todos os textos, permite à figura feminina ver-se e aos outros introspectivamente, estabelecendo o diálogo, ora harmonioso, ora dissonante, entre os vários tem-

pos que constituem o seu mistério e a sua presença.

Leda Maria Martins é doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal de Minas Gerais; professora de Teoria Literária da Universidade Federal de Ouro Preto; autora do livro de poemas *Cantigas de Amores*, 1983.

16

mulherio abr./mai. 88

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____

Endereço: _____

Cep: _____ Cidade _____ Est. _____

Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____

Telefone: _____ Profissão: _____

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. Cz\$ 600,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo - SP, fone (011) 212-9052



Luiza Ruberti

Elas estão de olho na tal Abolição

Maria Teresa de Souza

No período anterior à Lei Áurea, a resistência ao regime escravocrata era particularmente forte na Baixada Santista, reduto de pelo menos três quilombos bastante aguerridos. Um século depois, mulheres negras da Baixada saem à frente do movimento feminista e negro na região, não dando sossego aos que acreditam que a Abolição realmente aconteceu. E aí de quem se atrever a lhes conceder a Medalha Princesa Isabel...

Adquirir a consciência da discriminação e passar a lutar arduamente contra o racismo são fatos que podem acontecer de modo bastante imprevisível. Num belo dia de sol, lá estava Catarina Sônia dos Santos, merendeira na Prefeitura, tomando sua merecida quota de sol na praia, quando uma mulher bem branca vem lhe entregar um folheto convidando-a a participar de uma reunião do Coletivo das Mulheres Negras da Baixada Santista, uma entidade que luta contra a discriminação racial e pelos direitos da mulher negra. Ofendida, Catarina se ofereceu pra distribuir ela mesma os folhetos, não se conformando ao ver uma branca assumindo uma bandeira que deveria ser sua. Presente à reunião, logo viu que o movimento é mesmo de mulheres negras, com a participação de brancas, e passou a atuar e a descobrir como a sociedade a discrimina sem que até então tivesse tomado uma posição firme contra o racismo.

O Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista existe há apenas três anos, mas a repercussão de suas denúncias e a atuação incansável de suas militantes já tornou o grupo tão respeitado na Baixada a ponto de "ter mudado a cara da região", segundo sua presidente, Alzira Rufino, poeta e enfermeira. "Agora, dificilmente promovem um debate sem a presença de uma mulher negra na mesa" — explica. "A imprensa é sempre bastante receptiva às nossas denúncias e até mesmo o Clu-

be Quinze, famoso por não admitir, até pouco tempo, negros entre seus sócios — inclusive o próprio Pelé — convidou-nos para uma palestra sobre a questão da mulher negra."

As integrantes do Coletivo se orgulham de dizer que a entidade não é um apêndice do Movimento Negro e assume um caráter suprapartidário, não deixando o posicionamento político de cada uma interferir na ação do grupo. Os recursos financeiros para a manutenção de suas atividades, são obtidos através da venda de cartilhas e brachês, organização de festas e do bolso de suas próprias militantes, sejam elas enfermeiras, professoras, donas de casa ou merendeiras, como Catarina.

Levantando a morel

Em maio de 1986, um anúncio publicado no jornal "A Tribuna", solicitando uma secretária "com boa aparência, alta e branca", desencadeou protesto vigoroso do Coletivo, seguido da organização de um Ato Público que obteve muita repercussão na imprensa local e levou a Câmara Municipal a votar uma lei que estipula o fechamento do estabelecimento que pratique discriminação. Outros casos flograntes de racismo tiveram o pronto repúdio da entidade e, com o tempo, o Coletivo passou a aglutinar um maior número de mulheres negras, de diferentes camadas so-

ciais, dispostas a desmascarar a "democracia racial" brasileira, sem que para isso tenham que recorrer a uma postura vitimizadora, pedinte. "A mulher não deve se fazer de vítima. Nós queremos despertar o orgulho racial no negro, valorizar o cabelo, os traços que sempre foram considerados feios pela sociedade" — enfatiza Alzira Rufino. "Todos os nossos eventos são realizados com muita pompa, em lugares bonitos, com as mulheres bem arrumadas".

A identidade racial é tema primordial das palestras realizadas nas escolas das cidades da Baixada. E em resposta a uma solicitação do Coletivo, o Centro de Documentação da Baixada Santista deu início à primeira pesquisa brasileira sobre a presença negra em Santos, constatando que os quilombos de Jabuquara, Pai Felipe e de Santos Garrão eram dos mais aguerridos do País, destacando-se, entre seus líderes e mantenedores, a negra Brandina, uma dona de pensão que chegou a falar em razão de seu apoio financeiro aos Abolicionistas. No ano passado, o Coletivo elaborou uma cartilha intitulada "Mulher Negra: uma perspectiva histórica", expõe a trajetória das mulheres negras no Brasil; de mucamas, no período colonial, elas passaram a empregadas domésticas, constituindo 48% de todos os analfabetos do País e recebendo salários inferiores aos das mulheres brancas, homens negros e brancos.

E embora os homens negros sejam discriminados e explorados na "democracia racial" brasileira, nem por isso o Coletivo deixa de se posicionar contra o seu machismo.

As militantes dizem que têm enfrentado problemas com os maridos em decorrência de sua participação na entidade. "Eles não estão acostumados a se virarem sozinhos em casa. E como nunca viram a mulher negra dando opiniões, se posicionando, ficam assustados" — observa Catarina.

Atividades culturais

Em busca das raízes africanas, o Coletivo criou o Coral Omó Oyá, (Filhas de Iansã, em iorubá), integrado atualmente por 25 crianças negras de seis a doze anos, vindas da periferia e dos morros e o Grupo de Dança Afro Ajaina (Guardiões do Fogo), formado por 22 bailarinos, alguns deles estivadores no Porto de Santos. Na área cultural e de lazer, a entidade ainda pretende promover cursos de capoeira, teatro, maculelê e iorubá.

Até o final do ano, o Coletivo terá uma sede própria no centro de Santos e batalhará para que a Delegacia das Mulheres, prestes a ser inaugurada na cidade, não seja apenas um local onde as mulheres fazem as suas denúncias e depois retornam para suas casas tão desamparadas como nunca. "Queremos que seja construído um albergue para a permanência daquelas que não tiveram condições de retornar às suas casas" — diz Nilza Iraci, jornalista. "E também um plantão de 24 horas. Do jeito que as atuais delegacias atuam, a mulher volta pra casa e ainda apanha do marido por ter feito a denúncia de maus tratos". Em junho, o Coletivo realizará o 1º Encontro das Mulheres Negras da Baixada, aberto às mulheres brancas, pois, como diz Alzira Rufino, "o negro não vai se libertar enquanto o branco não se libertar. Não estamos formando guetos".

Na área da saúde, a entidade encaminhou ao Escritório Regional de Saúde, em Santos, um levantamento sobre a incidência de determinadas doenças entre a população feminina negra. Já há estudos comprovando que as mulheres negras adquirem miomas com muito mais frequência do que as brancas (na proporção de quatro para um) e também são mais propensas à anemia falciforme e à leucopenia. A pesquisa também incluirá a Aids.

Mais atuante do que o Movimento Negro e os Movimentos de Mulheres da Baixada, o Coletivo acabou por impulsioná-los, tendo sido a espinha dorsal do primeiro 8 de março comemorado na Baixada, em 1985, segundo afirmam suas militantes. Neste ano da Abolição, elas seguem desmascarando a festividade que tira dividendos políticos da raça negra. Em dezembro último, o Coletivo expressou seu repúdio a um vereador que queria instituir a Medalha Princesa Isabel para ser entregue a pessoas da comunidade negra. Era muito desaforo.

Mobilização nacional pelos 120 dias

Na tentativa de preservar as poucas conquistas que obtiveram na Constituinte e lutar contra a pressão empresarial, o movimento de mulheres e a área sindical apontaram o dia 20 de abril como o Dia Nacional de Mobilização em favor da licença maternidade, licença paternidade, creches e à não demissão das trabalhadoras. Isto porque, em decorrência de uma possível efetivação dessas propostas, os empresários organizaram lobbies de pressão sobre a Constituinte, e, além disso, muitas trabalhadoras em todo o País vêm sofrendo ameaças e demissões.

Logo depois da votação da licença maternidade de 120 dias, a Usina de Açúcar e Destilaria Lagoa Dourada, localizada em Dourado, no Estado de São Paulo, decidiu admitir na colheita da safra deste ano apenas as viúvas ou mulheres que comprovassem, via atestado médico, terem feito cirurgia de laqueadura de trompas. Imediatamente, cerca de 150 bóias frias protestaram diante da prefeitura local e a empresa acabou desistindo dessas medidas. Em Vila Velha, no Espírito Santo, a Fábrica de Chocolates Garoto demitiu no começo de março 184 funcionários, entre eles 160 mulheres - nove delas grávidas. E numa antevista das possíveis estratégias a serem adotadas pelas empresas, logo após a votação da emenda dos 120 dias, uma firma do Rio de Janeiro publicou no jornal dois anúncios admitindo secretárias na faixa dos 50 anos.

Laqueadura

Sempre vale lembrar que de acordo

com o Conselho Federal de Medicina a laqueadura só é permitida no Brasil após o diagnóstico de dois médicos, atestando a existência de risco de vida para a mulher caso desenvolva nova gravidez. Mesmo sem a comprovação de possíveis danos físicos ou qualquer espécie de contra-indicação, a laqueadura pode causar sérios problemas psicológicos às mulheres que, muitas vezes, se arrependem de ter feito a cirurgia.

Segundo Angela Bacha, ginecologista e coordenadora do Programa de Saúde da Mulher da Secretaria de Saúde de São Paulo, cerca de 30% das brasileiras casadas escolheram a laqueadura como contraceptivo. Em alguns estados nordestinos, por exemplo, o índice de laqueaduras feitas chega a 75%, enquanto que em muitos países desenvolvidos a porcentagem não ultrapassa os 7%.

Estratégias

A proposta de ação em favor das conquistadas trabalhadas encampada pelos grupos de mulheres e movimentos sindicais tem como principais metas a pressão junto aos constituintes, lideranças nacionais e à classe empresarial, além de um amplo projeto de conscientização popular através de panfletos, atos públicos, cartas, cartazes, passeatas e divulgação junto à grande imprensa. A Comissão do Trabalho do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, à frente desta campanha, elaborou um documento em favor dos 120 dias de licença à gestante trabalhadora.

Informe Publicitário

ÁGORA - Um curso para profissionais psi

"Aprender técnicas psicoterápicas não é difícil, complicado é incorporá-las e agir através delas, dentro da escala que se propõe no aqui e agora da relação. Como o músico que responde à improvisação do outro. Ou o fotógrafo que recorta o momento único".

Está tem sido a proposta Ágora - ciclo de estudos psi constituído por terapias da primeira geração de reichianos brasileiros: Carlos Briganti, Liane Zink e Regina Favre, somando a formação reichiana inglesa e norte-americana (bioenergética, biodinâmica, biosintese) à psicanálise argentina e suas técnicas de laboratório social (psicodrama, gestalt). Essa síntese resultou num trabalho singular que ocorre nos últimos 15 anos através de psicoterapias individuais e grupais, supervisões, cursos, seminários, work-shops,

palestras e intervenções.

Este é o terceiro ano que Briganti, Liane e Regina apresentam este programa que se desenvolve também de modo singular. Os encontros realizam-se no terceiro fim de semana de cada mês. Na sexta-feira à noite apresentam-se conceitos teóricos interligados à clínica, que posteriormente serão articulados vivencialmente pelos alunos durante o work-shop no sábado.

O trabalho é gravado em V.T. como instrumento de supervisão que se efetua durante o próprio sábado. Este método de aprendizagem proporciona uma conexão intensiva da teoria e da prática tal como a integração psique-corpo que é a proposta do Ágora.

Informações com Vera, (011) 864.0086.



COMITÊ PELA LIBERTAÇÃO DA LAMIA

A brasileira Lamia Maruf Hassan, 23 anos, continua em Israel cumprindo pena de prisão perpétua, sentenciada por um tribunal militar da cidade de Nablus-Cisjordânia, em abril do ano passado. Ela foi acusada de terrorismo

PELOS DIREITOS HUMANOS

Lamia continua presa

por oferecer carona a um soldado israelense, a pedido do marido, um palestino membro da OLP, que mais tarde sequestrou o militar.

Em São Paulo, um Comitê pela Libertação de Lamia foi formado e está trabalhando, através de abaixo-assinados, para que ela volte ao Brasil. Segundo seus familiares, a esperança era que o governo israelense concedesse indulto presidencial à brasileira, expulsando-a de Israel, já que ela é estrangeira. Mas esta alternativa caiu por terra quando o ministro das Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, visitou o Brasil, em dezembro último, demonstrando desinteresse pelo caso, mesmo diante do pedido formal feito por vários deputados brasileiros. A esperança agora, segundo os familiares de Lamia, está numa possível troca de prisioneiros entre a OLP e o governo israelense.

OAB-Mulher está atenta à Constituinte

Criada a partir do 1º Congresso Estadual da Mulher Advogada, ocorrido em novembro de 87, em São Paulo, a OAB-Mulher tem como principal objetivo a valorização da atividade profissional das advogadas e o cuidado com as questões ligadas aos direitos das mulheres. Considerada como proposta de maior relevância pela totalidade das 2 mil advogadas que participaram deste evento, a OAB-Mulher participou das recentes comemorações do Dia Internacional da Mulher, dia 8 de março, implantando definitivamente sua Comissão Executiva.

Mulher vai realizar uma série de quatro novos encontros regionais (um na capital e três no interior) com o objetivo de avaliar a atuação da OAB-Mulher e lançar novas discussões acerca do papel das advogadas na defesa dos direitos das mulheres: "A polêmica gerada em torno do aborto na Constituinte tem sido uma de nossas preocupações. Cada uma das integrantes da Comissão Executiva da OAB-Mulher e alguns advogados homens já enviaram ao Congresso Constituinte um telegrama de apoio a um debate mais favorável às mulheres, em Plenária. No entanto, pretendemos obter a adesão da Ordem dos Advogados do Brasil enquanto órgão".

Formado pelas duas únicas conselheiras da Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo, Norma Kiriakos e Maria Angela Berloffo e mais sete advogadas do Estado (quatro da capital e três do interior) a Comissão pretende encampar uma série de atividades de acompanhamento da Constituinte. Segundo Norma Kiriakos, a OAB-Mulher está voltada para a alteração do Estatuto da Ordem dos Advogados a ser discutida na Assembléia Constituinte e estará atenta à todas as questões que possam influenciar a atuação profissional da mulher advogada.

Paralelamente a este trabalho de divulgação e valorização da profissional de Direito, Norma afirma que a OAB-

O texto do telegrama reitera a necessidade apontada pelas advogadas de se evitar que a emenda ou o destaque que menciona "o direito à vida desde a concepção" seja reintroduzido quando da votação final da nova Constituinte. A alegação apresentada pelas advogadas é de que tal emenda "representa o retrocesso a garantias já conquistadas desde 1940, de interrupção da gravidez em caso de estupro e risco de vida materna". Elas afirmam que os conceitos jurídicos e éticos ligados a tal questão devem ser adequados aos avanços científicos. E, além disso, observam que a matéria é passível de ser remetida às leis ordinárias.

Nascemos com o firme propósito de lutar para que nossas leis contemplem os anseios da mulher brasileira.

A mulher advogada estará presente, com força, abrindo caminhos, inovando o Direito, contribuindo para a conquista de uma nova mulher e de um novo homem.



OAB/MULHER

COMISSÃO DA MULHER ADVOGADA

Praça da Sé, 385 - Fone: (011) 239.5122

Cep 01001 - São Paulo - SP

Pellegrino, o poeta da psicanálise

"Toda a vida — inclusive a psíquica — é processo, movimento, tempo. A vida é sempre um vir-a-ser, isto é, ela articula o ser que sou ao ser que irei tornar-me, e isto significa que todo ser humano é e não é, numa ambiguidade constitutiva da estrutura de sua existência. Sou um ser articulado ao nada, meu pé no chão e pé levantado no ar — antes de mergulhar! —, e é pela rejeição dessa instabilidade ontológica que posso construir o meu caminho: arca sobre as águas. (...) Quem, por excessivo medo, quer ser imóvel e concreto, numa garantia sem brecha contra a morte e o risco, acaba por matar a vida, uma vez que afoga o nada de que a vida se entretence, inexorável e constitutivamente. Viver e morrer são faces de uma mesma moeda em momento. Quem tenta matar a morte morre, gangrenado dela, já que a morte só não nos mata, permitindo que vivamos, na medida em que ela se processa e flui conosco — silencioso rio de banho onde o cosmo se espelha".

Desde a madrugada de 23 de mar-

ço, já não será possível fazer a leitura salvadora de Hélio Pellegrino na aspe-reza matinal dos jornais. A beleza e lu-cidez desse poeta da psicanálise — "A aventura humana é passagem, do tempo para a eternidade ou da necessida-de para a liberdade", disse ele no mes-mo artigo, "Escurecimento e Rutilância", na **Folha**, em 8/10/86 — são agora eter-nos em nossos corações. E também seu nome, na Comissão de Direitos Hum-a-nos que ajudou a articular nos últimos meses de vida, juntamente com Fernan-da Montenegro, Fernando Torres e ou-tros intelectuais e artistas cariocas.

A escritora gaúcha Lia Luft, que há quase três anos deixou a família no Sul para ir viver com esse homem a aven-tura do amor na maturidade — e falou sobre isso publicamente — esteve com ele até o último momento e chora ago-ra, como todo o Brasil, a perda desse homem que lutou contra o conformis-mo e o totalitarismo na alma humana, na Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro e no País.

(I.C.)

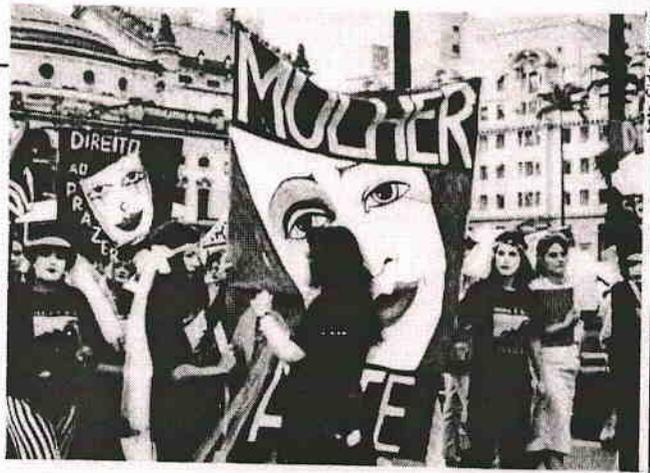


Foto: Cida Souza

Tevê descobre 8 de março

Até mesmo a Tevê e a grande im-prensa notaram. O 8 de março deste ano, comemorado como sempre em vá-rias capitais e interior do Brasil, teve um caráter de alegria e conquista que *O Es-tado de São Paulo*, em boa meia pági-na, chamou de "Dia de Mulher, dia de avanços", a *Folha da Tarde* de "O grito das mulheres", na capa, e "As mulhe-res vão a luta", na matéria interna e o *Jornal da Tarde* de "Festiva passeata das mulheres". A *Folha de S. Paulo* com grande foto na primeira página, cha-mou para o tumulto causado no centro pelas duas passeatas — o das cinco mil mulheres e o dos professores em gre-ve. A *Gazeta Esportiva*, pioneira na im-prensa masculina, deu um encarte ex-clusivo para o Dia com artigos de femi-nistas como Zuleika Alamberi. O *Jornal do Brasil*, ao lado da cobertura da manifes-tação dos cariocas, foi mais incisivo: em chamada de capa denuncia a recusa do Banorte, da Recife, em acei-tar candidatas a emprego no Dia Inter-nacional da Mulher.

"O 8 de março saiu do pequeno re-

gistro dos programas femininos para os telejornais, as primeiras páginas, o grande registro", analisa Fátima Jordão, pesquisadora de opinião pública lida-da à área de Comunicação do Conse-lho Estadual da Condição Feminina de São Paulo. "E pela primeira vez a repre-sentação do mulher feminista — até en-tão de classe média, com discurso ela-borado e muitas vezes obscuro para o conjunto da população — foi de segmentos populares, de um feminismo baseado no confronto cotidiano. Uma outra tipologia das portadoras desta po-lítica: negra, humilde, com um discurs-o mais concreto".

Outra novidade apontada por Fátima é o "oportunismo comercial em relação ao 8 de março, tentando caracterizá-lo como uma festividade de tipo conven-cional". Anúncios de página inteira saudando as mulheres oporeceram nos jo-rnais do dia 8. Uma velha mesura que encobre a exploração. No caso, a poli-tica salarial e de promoções das empre-sas, que definitivamente não aceitam as mulheres como iguais.

Mostra de vídeos negros

O Conselho de Participação e Desenvol-vimento da Comunidade Negra, atra-vés da sua Comissão de Mulheres, es-tará apresentando no dia 21 de abril, a partir das 19h30, uma mostra dos ví-deos de Rita Moreira, com tema sobre o negro:

A Dama do Pacoembú, 36 minutos, ou-las de uma mendiga sobre situação po-lítica, moral, sexo, fome, moradia. Pre-miada no I Videobrasil e apresentado em Paris, Nova York, México, Holanda, Inglaterra, Nairobi, São Francisco e Cu-ba; **Se o Rei Zulu Já Não Pode Andar**

Nú, 15 minutos, 19 lugar no Festival de Vídeo de Santo André, 1988. Um docu-mentário político-musical inspirado pe-la passagem do Bispo Desmond Tutu no Brasil, costurado com músicas de Leci Brandão, Sandra Sá, Gilberto Gil e D Yvone Lara; **As Mulheres Negras no O-ito de Março**, 10 minutos, primeiro ví-deo de uma série intitulada **Sem Aboli-ção**. Cobertura da participação das mulheres negras na última grande mar-cho do Dia Internacional da Mulher; **Lo-cal**: Conselho de Participação e Desen-volvimento da Comunidade Negra, Rua Antonio de Godoy 122, 139.

PONTOS DE VENDA

	PARAIBA	Fone: (021) 259-1296	Fone: 883-3992	Shopping Marumbi
	Livraria Legal Ltda Rua General Osório, 114 João Pessoa Fone: (083) 221-8113	RIO GRANDE DO SUL	Av. Paulista, 2448 Fone: 256-8316	Banca Marlboro, Piso Térreo
BAHIA		Marco Amaral Pra. Rui Barbosa, 39 - s/6 Porto Alegre Fone: (0512) 26-9747	Livraria e Café Canto da Prosa Rua Simão Álvares, 445 Fone: 813-0948	Livraria da Vila Rua Fradique Coutinho, 1140 Fone: 815-7105
	PARANA	SANTA CATARINA	Livraria Brasileira Rua Oscar Freire, 561 Fone: 64-1056	Liters Livraria Bar Avenida Rua Pedroso de Moraes, 1633
Livraria Freitas Kanitz Rua Afonso Celso, 46 - Barra Salvador Fone: (071) 245-4848	Distribuidora Ghignone Av. Iguaçu, 624 Curitiba Fone: (041) 233-3622	Ana Lucia Gomes Medeiros Cidade Universitária - Depto. de Pedag- ogia Caixa Postal, 5060 Florianópolis Fone: (0482) 33-1487	Rua Oscar Freire, 561 Rua Augusta, 2345 Fone: 861-9980	Livraria Eboh Rua Conselheiro Raimundo, 688 Fone: 289-6880
DISTRITO FEDERAL	PERNAMBUCO	SÃO PAULO	Livraria Favale Av. São Amaro, 184 Fone: 852-0534	CIAM - Centro de Informação Mulher Rua Leoncio Gurgel, 11
Delzeni Ribeiro SDS - Edifício Miguel Bardi - s/402 Brasília Fone: (061) 226-0482	Maria de Salette Marinho (assinaturas) Rua Prof. Ageu Magalhães, 323 Recife Fone: (081) 268-7487	Capital Em São Paulo a jornal MULHERIO e distribuído nas principais bancas da ci- dade.	Livraria La Selva Aeroporto de Congonhas Fone: 241-1918	Interior Coletivo de Mulheres Negras da Ba- xada Santista Av. Conselheiro Nébias, 107 Fone: (0132) 34-9976
Livrarias Sodiler: Conj. Nacional Presença SDS B 1 e Lojas 11/15 UNB Nossa Livraria: Campus Universi- tário	Wilmá Texeira Av. Dantas Barreto, 498 - 2º andar Recife Fone: (081) 224-0585	Na Cidade Universitária na banca da E.C.A. e na D.C.E. Livre "Alexandre Va- racho Leme". Centro de Convivência Restaurante Central	Ala Nacional - Pie. Aérea 1 - Pie. Aérea 2 - Terminal Rodoviário Aeroporto de Cumbica Fone: 945-2013	Av. Conselheiro Nébias, 107 Fones: (0132) 34-9976 Santos
Banca Rodoviária: Plataforma da Rodoviária	RIO DE JANEIRO	Capital Livraria e Papelaria SPM Rua Marquês de São Vicente, 52 - loja 221 - 2º piso Fone: (021) 274-1146	Ala de Embarque Correios Interligados - Piso Térreo Condomínio São Luiz Av. Juscelino Kubitschek, 1830 - 1º Fone: 534-4176	Distribuidora Constança Ltda. Rua Agenor Meira, 8-73 Bauri Fone: (0142) 24-1251 / 24-1261
GOIÁS	Livraria Imbire - Shopping Center da Gávea Rua Marquês de São Vicente, 52 - loja 221 - 2º piso Fone: (021) 274-1146	Livraria Belas Artes Al. Lorena, 1326	Shopping Alphaville Fone: 421-6605 - Piso Térreo Shopping Ibirapuera Fone: 543-3813 - Piso Jurupis	Ruiz Amarel Rua 7 de Setembro, 11-60 Casa da Cultura de Bauri - Piso Térreo Entrepasto de Produtos Naturais R. Padre Teixeira, 1654 Fone: (0162) 72-4706 São Carlos
Centro de Valorização da Mulher Av. T-1 nº 2078 Setor Bueno Goiânia Fone: (062) 251-7079	Livraria Diaz-ba Rua Visconde de Pirajá, 571 - B			Mervalva Soares Silva Araújo Rua Egas Muniz, 50 Campinas Fone: (0192) 52-4487
MINAS GERAIS				
Rosali Fracasso Kunz Rua Muriae, 501 Divinópolis Fone: (037) 221-8541				

19

mulherio
abr./mai. 88

O SILÊNCIO VALE OURO

Fato: Massacre de 93 (?) habitantes do garimpo de Serra Pelada. As notícias indicam que havia uma mulher grávida entre as vítimas.

Data: 29 de dezembro de 1987, dia de São Bonifácio.

Local: Ponte sobre o rio Tocantins, rodovia PA-150, a 10 km do centro de Marabá, leste da Pará.

Personagens: Hélio Gueiros (governador do Pará), coronel Antonio Carlos (secretário de Segurança Pública), tenente-coronel Reinaldo Pessoa (do 4º

batalhão da polícia militar de Marabá), 350 soldados da PM do Pará, 3 mil homens e mulheres da população do garimpo.

Sinopse: 1. Ocupação pacífica da Ponte do Tocantins pelos garimpeiros em greve, que reivindicaram o rebaixamento das cavas para diminuir o risco de desabamentos. Cerca de 39 garimpeiros já foram soterrados por avalanches, segundo as informações existentes.

2. Início das negociações entre o Sin-

dicato dos garimpeiros e governo do Pará. Intransigência do governo.

3. Bloqueio dos dois lados da ponte por 350 soldados armados, que atiram sobre a multidão indefesa.

4. Primeiras notícias sobre o massacre. Denúncia e demissão de Nelson Marabuto (interventor junto à Cooperativa de Garimpeiros). Negação oficial do governo do Pará, que admite apenas 2 mortos. Investigação da polícia federal acompanhada de relatório confidencial sobre o desaparecimento de 73 pessoas.

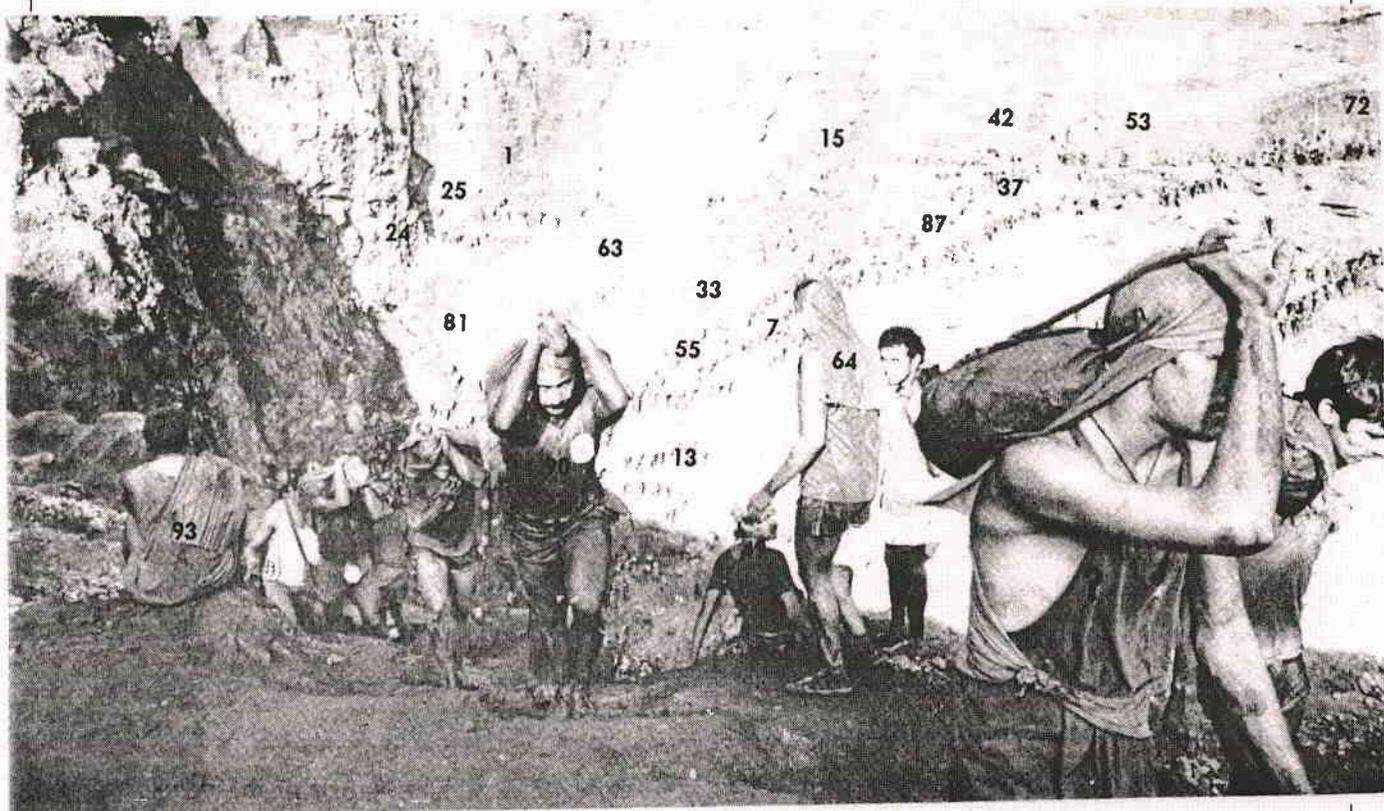


Foto: Ag. Folhas

Os jornais noticiaram. As revistas noticiaram. A tevê não viu nada. O plenário da Câmara rejeitou a proposta de investigação do que pode ser o maior massacre já registrado no país. Os partidos silenciaram.

Os jornais passam, as notícias são esquecidas. A omissão domina e pode prevalecer. Já se tornou tão típica como o carnaval, o Senhor do Bonfim, o Mengão, o menor abandonado, as orgias da corrupção oficial, o tacacá, o guaraná, o marajá.

Esquecer o massacre de Marabá é dizer que o assassinato de 93 (?) pessoas é um fato desprezível. É preciso exigir a apuração dos fatos e a determinação das responsabilidades. Afinal, quantos foram assassinados e feridos? 93, 62, 47, 28, 2?

Não, não jogue na lata. Nem no bicho. Jogue mais alto. Exija justiça. Junte-se a todos aqueles que articulam uma campanha nacional para a apuração oficial do massacre de Marabá. Reuna as amigas, os amigos. Juntos, passem um telegrama de apoio à mobilização liderada pela Sociedade Paraense de Direitos Humanos (Rua Manoel Barata, 47, sala 302, Cep 66800, Belém-PA, tel. (091) 225-4677.

Contamos com você. Conte conosco.

MULHERIA